

Novidades à vista no campo de centeio

Sete anos após a morte de J.D. Salinger, crescem as especulações sobre o legado do autor americano, que teria produzido intensamente durante os mais de 40 anos em que ficou recluso da vida literária



A primeira edição de 2017 do **Cândido** traz um especial sobre o escritor norte-americano Jerome David Salinger (1919–2010), autor que se notabilizou com o romance *O apanhador no campo de centeio* (1951). O protagonista da longa narrativa, Holden Caulfield, se tornou um espelho para leitores de diversos países pelo fato de expor o desconforto que todos sentem ao serem expulsos da infância rumo às incertezas da vida adulta. A linguagem fluente e coloquial é outro destaque da obra, um clássico literário que se firmou praticamente desde a sua publicação.

O jornalista Roberto Muggiati assina um ensaio em que comenta o que pode acontecer com o legado de Salinger. O prosador sofreu pelo menos dois traumas envolvendo o cinema [um deles é surpreendente e diz respeito à filha do dramaturgo Eugene O'Neill, Oona O'Neill], jurou que nunca mais venderia um texto para Hollywood e, antes de morrer, proibiu que seus livros fossem transformados em filmes, decisão que pode vir a ser revertida. Muggiati também comenta os relacionamentos emocionais problemáticos e o isolamento do escritor, que fugiu do convívio social em busca de silêncio para escrever.

O ensaio traz detalhes do processo criativo de Salinger. Muggiati conta que o nome do personagem Holden Caulfield, de *O apanhador no campo de centeio*, pode ter surgido quando o escritor viu uma marquise de cinema anunciando *Dear Ruth* (1947), estrelado por William Holden e Joan Caulfield. “Acontece que a primeira história figurando Holden, “I’m Crazy”, foi publicada na revista *Collier’s* em 22 de dezembro de 1945, um ano e meio antes do lançamento do longa. E, antes de pontificar em *O apanhador*, o personagem aparece ainda com o nome completo de Holden Morrissey Caulfield num conto de dezembro de 1941, o primeiro que Salinger teve aceitado pela prestigiosa *New Yorker*, “Slight rebellion off madison”. [...] E, ainda, num conto de outubro de 1945, na revista *Esquire*, “This sandwich has no mayonnaise”, Holden Caulfield é dado como desaparecido em ação na guerra”, relata Muggiati, que também comenta como foi a sua “aventura” ao traduzir um texto de Salinger.

Já o escritor, crítico literário e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Luís Augusto Fischer analisa características da obra de Salinger, um dos poucos autores que o es-

tudioso gaúcho diz reler. Fischer costuma afirmar que Salinger nunca conta uma história, pura e simplesmente, uma vez que o procedimento do escritor oscila entre dois ou três planos, com um empenho descritivo notável — o que pode ser constatado lendo, e relendo, textos dos livros *Nove histórias* (1953), *Franny e Zooey* (1961) e *Carpinteiros, levantem bem alto a cumeira* (1963).

Outro destaque do **Cândido** 66 é a transcrição do bate-papo com o escritor, dramaturgo, ator, roteirista, poeta, compositor e cantor da banda Saco de Ratos, Mário Bortolotto. Londrinense radicado em São Paulo, ele participou de uma edição do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, com mediação do jornalista Omar Godoy — o jornal também publica dois contos de Bortolotto.

Mariana Alves participa da seção Cliques em Curitiba e, no Perfil do Leitor, a trajetória de leitura de Charles Gavin, ex-baterista dos Titãs, atualmente na banda Panamericana e apresentador do programa “O som do vinil”, exibido pelo Canal Brasil. Entre os inéditos, contos de Diego Moraes, poemas da irlandesa Moya Cannon traduzidos por Luci Collin, uma narrativa de Cristiano Castilho e um poema de Antonio Cescatto.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiário:

Kaype Abreu

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

André Coelho, Antonio Cescatto, Benett, Bianca Franco, Cristiano Castilho, Diego Moraes, Fábio Santiago Costa, Luís Augusto Fischer, Luci Collin, Mariana Alves, Mário Bortolotto e Moya Cannon.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

Cândido seleciona jovens autores para coletânea de contos

O **Cândido** selecionou 15 autores (entre 18 e 30 anos), nascidos ou radicados no Paraná, para participar de uma coletânea de contos. O livro será publicado no primeiro semestre de 2017 pelo selo Biblioteca Paraná, que já editou mais de 20 títulos. As inscrições foram realizadas entre 31 de agosto a 24 de outubro. Cada autor participou

com apenas um texto inédito. Seguem os nomes selecionados: Andressa Barichello, Bruno Cobalchini Mattos, Bruno Vicentini, Bolivar Escobar, David Ehrlich, Gabriel Protski, Guy Fausto, João Paulo Marcowicz, Kayo Augustus, Luís Felipe Ferrari, Marcell Mengarda, Marco Aurélio de Souza, Mateus Ribereite, Murilo Lopes e Wilame Prado.



José Castello lança novo livro

O crítico literário e escritor José Castello, radicado no Paraná desde 1994, acaba de lançar um novo livro. *Dentro de mim ninguém entra* tem como protagonista um personagem livremente inspirado na figura de Arthur Bispo do Rosário, o artista visual que sofreu

com problemas psiquiátricos e produziu sua obra dentro de hospícios. O livro de Castello ainda traz um ensaio biográfico sobre o artista, com fotografias de suas obras que encontram-se preservadas no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro.

Trajетória de Alfredo Andersen no MON

Está em cartaz no Museu Oscar Niemeyer (MON) a mostra “Trajetória: 114 anos da Escola de Alfredo Andersen”, com 80 obras do artista e de alguns de seus discípulos, entre eles Estanislau Traple, Theodoro de Bona, Lange de Morretes, José Daros, Helena Wong e Domício Pedroso, entre outros. Com curadoria de Débora Maria Russo, a exposição apresenta a trajetória do artista norueguês Alfredo Andersen (1860-1935), que fixou residência na capital paranaense em 1902, foi

um dos primeiros pintores profissionais do Estado e atuou como professor no ensino formal e informal de Curitiba. Em 1940, a casa dele se transformou no atual Museu Alfredo Andersen, que abriga a maior parte do acervo do artista. A mostra segue até 5 de março e os ingressos custam R\$ 12 e R\$ 6 (meia-entrada). Visitação de terça a domingo, das 10h às 18h. O MON está situado na Rua Marechal Hermes, 999, no Centro Cívico, em Curitiba (PR). Mais informações: (41) 3350-4400.





Mário Bortolotto

DA REDAÇÃO

Escritor, dramaturgo, ator, roteirista, poeta, dono de um teatro e de um bar, compositor e cantor da banda Saco de Ratos, Mário Bortolotto falou sobre suas várias facetas como criador na edição de novembro do projeto Um Escritor na Biblioteca — encontro que fechou a temporada 2016 do bate-papo.

Londrinense radicado em São Paulo desde os anos 1990, o autor criou dicção própria no teatro brasileiro. Essa “pegada”, segundo Bortolotto, é fruto de uma miríada de assuntos que influenciam suas criações: história em quadrinhos, literatura, cinema underground, rock, etc. “Como aprendi a ler com história em quadrinhos, quando escrevo já vou visualizando tudo. Quando vou dirigir a peça, sei exatamente onde vou colocar os atores, a disposição do cenário. Acho que isso vem da leitura de HQ”, diz o escritor.

Bortolotto também falou sobre suas primeiras leituras, que abriram sua cabeça para outras referências. “Aos 12 anos descobri a *Ilíada*, de Homero. Sempre digo que a *Ilíada* parece *rock and roll*. Porque tem tudo ali.” O período em que o autor passou no seminário, dos 12 aos 17 anos, também foi determinante em sua formação, assim como o gosto por HQs herdado por um tio surdo.

Autor de dezenas de textos de teatro — alguns adaptados para o cinema —, Bortolotto falou ainda sobre o início do grupo teatral Cemitério de Automóveis, em Londrina, nos anos 1980, e de sua atuação na transformação da Praça Roosevelt em uma referência cultural na cidade de São Paulo.



HQs do tio Miguel

Meu pai e minha mãe não tinham nenhuma ligação com literatura. Meu pai era motorista de caminhão e minha mãe trabalhava em casa, era uma pessoa simples que veio do Nordeste. Mas eu tinha um tio, chamado Miguel, que morava nos fundos de nossa casa com minha avó, mãe da minha mãe. Ele perdeu a audição muito jovem, ainda no Nordeste, em Alagoas, mas gostava muito de ler. Esse meu tio começou a comprar muito gibi, história em quadrinhos, porque, como ele não conseguia ver televisão, pois não ouvia mais, começou a se refugiar nas HQs. E lia muito. Ele tinha um guarda-roupa lotado de gibi. E eu ficava lá, tentando decifrar aquela porra toda. Quando você é criança, tem mais facilidade para assimilar tudo. E eu aprendi a ler antes de entrar na escola por causa dos gibis do tio Miguel. Não sei como aprendi, mas aprendi. Eu lia. Tanto que entrei na escola no meio do ano, em agosto, porque já sabia ler, sabia escrever algumas coisas. Então esse tio foi o cara que me iniciou nessa coisa de gostar de ler.

Descobertas

Lembro de um gibi que me despertou pra outras coisas: *Ken Parker*. Era escrito pelo Giancarlo Berardi e desenhado pelo Ivo Milazzo. O Ken Parker é um anti-herói, totalmente fã-lível. Ele apanhava muito, se fodia, as mulheres faziam ele sofrer. Ele parecia mais humano. É claro, depois que entrei para a escola, eles [professores] começaram a empurrar um monte de literatura que não exatamente incentiva a continuar lendo. Mas a partir daí você começa descobrir coisas, a frequentar a biblioteca, vai achando escritores com os quais se identifica.

Clássicos

Os clássicos de aventura também foram importantes. Foi muito bom ler esses livros. Li muito *Os três mosqueteiros*, *Robin Hood*, etc. *Moby Dick* foi um livro que me fascinou, eu devia ter uns 10 anos de idade quando o li pela primeira vez. Até andei relendo há pouco tempo, e continua foda pra caralho. Acho que é um livro fascinante. Aos 12 anos descobri a *Iliada*, de Homero. Sempre digo que a *Iliada* parece *rock and roll*. Porque tem tudo ali. Tem o herói, que é o Aquiles, disputando com Agamenon. Aquilo era uma aventura tão foda... Isso eu já lia

na biblioteca do seminário. Eu fui seminarista durante cinco anos. E a biblioteca do seminário era bem rica.

Seminário

Aos 17 anos fui expulso do seminário. Levei sorte porque voltei para minha casa, em Londrina, e como eu dizia que ia prestar o serviço militar, que é obrigatório, tinha a desculpa certa para não arrumar emprego. Era uma desculpa, mas era verdade. Você não consegue arrumar emprego nesse período. Aí fiquei um ano vagabundeando, ficava só jogando futebol na rua e frequentando

a biblioteca. Ficava horas lendo na biblioteca. Então descobri muitos autores importantes. Muito antes dos *beats*, até porque eles, os *beats*, ainda não tinham chegado ao Brasil, não havia tradução.

Beats

Os *beats* surgiram mais tarde na minha vida, já na juventude, quando eu tinha uns 20 anos de idade. Um pouco antes comecei a ler autores como Dostoiévski e, principalmente, Henry Miller — li tudo dele. Os *beats* chegaram ao Brasil em 1981. Eu tinha lido *O que é punk*, do Antonio Bivar, e ele falava de





Jack Kerouac, Allen Ginsberg e outros autores. Fiquei muito curioso para saber quem eram esses caras, porque parecia que a literatura deles poderia me interessar. Mas a gente não tinha nenhuma referência muito clara. Naquela época, não existia internet, não tinha como descobrir muita coisa. A editora Brasiliense editava um jornal chamado *Primeiro Toque*, que trazia uma prévia dos lançamentos futuros da editora. Lembro que o Reinaldo Moraes escreveu sobre Bukowski e o romance *Mulheres*.

Métodos alternativos

Eu não tinha dinheiro, então sempre entrava na livraria e roubava os livros que queria. Aqui em Curitiba roubei bastante. Tínhamos uma gangue de garotas que roubava livros pra gente. Fazíamos uma lista dos livros que gostaríamos de ler e elas roubavam. Mas nunca roubei de biblioteca, porque é uma sacanagem roubar em biblioteca pública. Devo muito da minha formação literária a essa pilhagem cultural que minhas amigas cometiam.

Começo da escrita

Comecei a escrever quando ainda estava no seminário. Escrevia umas coisinhas, alguns poemas, letra de música, etc. Mas passei a escrever um pouco mais a sério depois que saí de lá. Meu primeiro texto para teatro era sobre a época do seminário. Muito ruim, nunca mostrei para ninguém, pois quando percebi que era uma bosta, rasguei. Não tenho cópia, não quero ter. Mas estava sempre escrevendo, mostrava e as pessoas gostavam. Em geral, a rapaziada que fazia teatro comigo. Mas eu não tinha coragem de montar meus textos. Sempre achava que faltava alguma coisa. Aí lembro que escrevi uma peça chamada *Pé na estrada*, uma história baseada nessa coisa *beat*, antes mesmo de eu ler os *beats*. Eu

tinha uma vaga ideia do que era a literatura *beat*, mas não tinha lido nada. Era um texto meio *hippie*, na verdade. Pessoas pegando carona na estrada, etc. O diretor Antônio Saperas, que trabalhava na Secretaria de Cultura de Londrina, quis montar a peça. Mas, depois de um mês de montagem, desisti, tirei a peça e ele ficou puto comigo. Argumentei que era ruim e não queria ver aquilo montado. Ele ficou muito chateado comigo na época.

Escrita, rock e teatro

Já fazia teatro no seminário. E tínhamos um grupo de teatro. Descobri que atuar era relativamente fácil. Eu tinha certa facilidade para inventar histórias, sugerir ideias para o grupo. Sempre partia de mim. Comecei a sacar que também levava jeito para escrever. Na verdade, foi lá dentro que eu descobri isso. Era gostoso, porque me divertia muito fazendo teatro. Então quando eu saí do seminário, já sabia que de alguma maneira iria trabalhar com isso. Mas também queria muito escrever, fazer *rock and roll*. Queria fazer tudo, como faço até hoje. Na verdade eu sempre me interessei por tudo. Foi no seminário que aprendi a tocar violão, comecei a compor, foi lá que aprendi a datilografar... Então, na verdade, o seminário me ofereceu todas essas possibilidades. Foi o grande *start* para tudo. Devo muito aos cinco anos que passei lá.

Do Chiclete ao Cemitério

Eu e alguns amigos fundamos um grupo de teatro em 1982, em Londrina. Chamava-se Chiclete com Banana, e era uma homenagem às tiras do Angeli. Esse grupo foi o embrião do Cemitério de Automóveis. É engraçado, porque o Angeli na época era um cara meio *underground*, trabalhava na

Folha de S. Paulo, mas só tinha aquela tirinha. Era como se fosse o Allan Sieber hoje, ou o André Dahmer. Quis fazer uma homenagem para ele colocando o nome do grupo de Chiclete com Banana. O que foi um tiro no pé, porque logo depois ele ficou muito famoso e lançou a revista *Chiclete com Banana*, que foi um sucesso no Brasil todo. Ficou parecendo que a gente estava querendo pegar carona no sucesso dele. Eu sou amigo do Angeli e conto isso para ele, que dá risada. Fiquei muito chateado com a história e também porque havia um grupo de frevo do Nordeste que também se chamava Chiclete com Banana. Era muito ruim porque a gente, como grupo de teatro, ia se apresentar na cidade e o pessoal achava que nós tocávamos frevo. Por isso mudamos para Cemitério de Automóveis em 1987.

Primeira peça

A primeira peça que escrevi, montei e encenei, chamava-se *Você viu uma azeitona por aí?*. Um título ridículo, assim como a peça também era ridícula. Eu dizia que era teatro do absurdo, e nem sabia o que era teatro do absurdo. Na verdade era um absurdo de ruim. Terrível. A gente encenou essa peça, que fez um relativo sucesso em Londrina. A partir daí comecei a achar que eu era um gênio. E tive a convicção de que Londrina era pequena demais para mim. Aí fui para São Paulo.

Meia-noite

Eu posso dizer que a primeira peça que escrevi, e de que gosto até hoje, é de 1984 e se chama *À meia-noite um solo de sax na cabeça*. Esse texto até teve uma leitura recente em Curitiba, feita pelo Maurício Vogue. Ainda gosto muito da peça.



Fenata

Lembro-me que nos inscrevemos no Fenata [Festival Nacional de Teatro, realizado em Ponta Grossa, no interior do Paraná]. Todo ano o festival levava um grupo de cada Estado para participar. A gente se inscreveu muito inocentemente. Em Londrina tinha um movimento teatral muito forte. Havia o grupo Proteu, comandado pela Nitis Jacon, o grupo Delta, do José Antonio Teodoro. Em Curitiba, o grupo Delírio, do Edson Bueno. E nós concorrendo com essa turma. Então achei que não teríamos a menor chance. Mas fomos classificados. Em 1984 fomos escolhidos para representar o Paraná no Fenata. Foi um susto. Conseguimos derubar um monte de grupo importante. Aí fiquei sabendo que era por causa da qualidade do texto. Comecei a sacar que levava jeito para escrever para teatro. Para conseguir destronar um grupo como o do Edson Bueno... A partir daí, levei mais a sério essa coisa de ser dramaturgo. Até então eu escrevia muito descompromissadamente. Era mais pra saciar a volúpia e a sede dos meus companheiros de grupo. Como não tínhamos dinheiro para comprar direitos autorais de outros autores, eu mesmo escrevia para poder encenar.

Processo criativo

Como eu aprendi a ler com história em quadrinhos, quando escrevo já vou visualizando tudo. Quando vou dirigir a peça, sei exatamente onde vou colocar os atores, a disposição do cenário. Acho que isso vem da leitura de história em quadrinhos. HQ é como se fosse cinema. O desenhista dispõe os personagens de uma maneira que parece filme. Acho que isso me ajudou muito para trabalhar com teatro, tanto para escrever como para dirigir. Escrevo muito pensando no diálogo o tempo todo. Tenho essa facilidade. Tudo isso eu devo à

história em quadrinhos. Porque a prosa é tão diferente. Escrever poesia, então, é muito diferente. Por isso grandes romancistas tentam escrever para teatro e se fodem, porque eles não sabem fazer uma coisa básica: colocar a palavra na boca do ator. Quando se escreve, é preciso “ouvir” o ator falar.

Método de trabalho

Eu sou um cara muito anárquico, muito displicente. Gostaria de ser um escritor mais sério. Ser como Hemingway, que levantava de manhã e ficava escrevendo até uma hora da tarde. Vários amigos meus conseguem isso. O Reinaldo Moraes, por exemplo, fica semanas produzindo, aluga uma casa pra ficar escrevendo. Acho tão bacana. Fico com uma inveja saudável desses caras. Na verdade, sou muito relaxado, bebo à noite inteira, vou dormir de manhã, acordo à uma hora da tarde, etc. Só vou começar a escrever lá por duas, três horas. E também me distraio muito facilmente. Se tem um livro por perto, pego para dar uma olhada. Ou então ligo a TV e, se está passando um filme interessante, fico assistindo. Às vezes alguém me chama para tomar um porre à tarde e eu vou. Tenho esse problema, essa coisa do escritor profissional que me falta, que eu queria ter. Mas escrevo o tempo todo sobre tudo: tenho três romances parados, mais cinco peças de teatro, mais um livro de poesia quase pronto, um monte de contos esboçados.

Marginais

As pessoas que me interessam são meio tortas. Os meus amigos são todos meio tortos, meio esquisitos. As mulheres são sempre meio malucas. Acho que tenho uma fascinação por isso. Não é uma coisa forçada. Eu até tento às vezes escrever um texto sobre um casal normal, que leva uma vida regrada. Mas acho que soa meio falso,

porque não conheço muito esse universo. Apenas intuo. Não tenho vivência, então não fica real, verdadeiro. Gostaria de escrever um livro sobre o cotidiano, sobre uma família convencional. Não levo jeito para isso. Mas tenho inveja da rapaziada que consegue.

Adaptações

As primeiras vezes que encenaram textos meus, achei horrível e odiei. Geralmente eles não entendem... O problema dessa rapaziada de teatro é que eles vão montar um texto meu como se tivessem montando um dramaturgo com referências de teatro. Eles não entendem que minhas referências são história em quadrinhos, literatura, cinema underground. Quer dizer, eles não conhecem nada das minhas referências e querem encenar a peça. Então encenam com referências de teatro. O cara leu [Constantin] Stanislavski, leu [Bertolt] Brecht, leu [Antonin] Artaud, [Augusto] Boal e a partir disso aí quer montar um texto meu. Aí fica uma merda. Fica tudo artificial, fica falso, eu odeio quase tudo que fazem. Então, eu sofria muito. Mas de uns tempos pra cá eu parei de sofrer. Depois que o Raul Cortez encenou minha peça *À meia-noite um solo de sax na cabeça*, com direção da Cibele Forjaz, e ficou ruim, desencanei. *Brother*, não vou ficar mais nervoso com isso porque sempre vai ser assim. Então deixa pra lá. Parei de sofrer. As adaptações cinematográficas também não me agradam. *Nossa vida não cabe num opala* ou *A frente fria que a chuva traz* não ficaram boas porque não mantêm nenhuma fidelidade ao texto original.

Nossa vida não cabe num opala

Faço uma participação apenas afeita no filme. Na verdade, há uma cena em que o pessoal está jogando bilhar e eu estou no fundo, bebendo com um amigo meu, o André Ceccato. Lembro que os

caras ofereceram uma garrafinha de chá pra gente, como se fosse conhaque. Aí falei: “Vocês não vão fazer a gente tomar chá?!”. Então eles arrumaram uma garrafa de Domecq. No final das gravações estávamos muito bêbados. Eu e o Ceccato, que é um bêbado emérito, genial. Ficamos os dois bebendo muito e se segurando no balcão.

A frente fria que a chuva traz

Nesse filme, dirigido pelo Neville d’Almeida, faço um personagem, o mesmo que fazia no teatro. Mas essa adaptação também é ruim. Só aceitei fazer porque o Neville é muito meu amigo. Eu adoro ele. Continuo gostando dele, apesar de o filme ser ruim. O longa não funciona porque os atores não decoraram o texto, e ator que não decora texto é horrível. Eles pegaram a ideia e ficaram falando do jeito deles. Isso encheu meu saco. Eu ficava fazendo e sofrendo, porque eles não estavam falando nada do meu texto. E tinha aquela atriz, Bruna Linzmeyer, que é terrível, porque se acha uma atriz foda e tal. E também não decorava as falas, dizia tudo do jeito dela, improvisava, colocava “caco” o tempo inteiro. Fiquei sofrendo naquele *set* de filmagem o tempo todo. Eles também mudaram o final da história. Sofri duas vezes: no *set* e quando assisti. Tentava falar pro Neville, mas ele estava meio que na mão da produção do filme. Ele estava tão na fissura de filmar, pois já fazia dez anos que não filmava, que começou a aceitar imposições de todo mundo, da produção, da atriz, do roteirista. E parecia que todo mundo mandava no filme, menos ele.

Mais cinema

Tenho muita vontade de trabalhar com cinema. O problema é que tem que ter grana, né? Teatro eu monto com dois amigos e uma mesa de bar. Coloco a mesa de bar em cena, duas cadeiras,

uma luz e faço a peça. É muito barato. Mas fiz um filme com R\$ 5 mil, o *Getsêmani*, que está disponível no YouTube. A gente emprestou equipamento, chamou os amigos, tudo na brodagem. Gastamos basicamente com bebida e comida para o elenco. É o filme de que mais gosto, apesar de ser bem simples. E agora quero fazer outro. Estou com dois roteiros prontos. Recentemente, fiz um roteiro para o Rodrigo Teixeira, que é um produtor de São Paulo. Também fiz duas adaptações, das peças *Felizes para sempre* e *Música para ninar dinossauros*.

Público

O Ademar Guerra, diretor de teatro muito importante, que dirigiu *A polaquinha* aqui em Curitiba, falava que a gente não era um grupo de teatro, éramos uma gangue de *rock and roll*. Porque a gente tinha um comportamento totalmente diferente dos grupos tradicionais. Isso se reflete também no nosso público. Adoro teatro, mas como eu disse anteriormente, tenho muitos interesses. Não consigo me ver só como dramaturgo, ator ou escritor. Sou um cara que gosta de muita coisa. E tenho amigos em todas as áreas da cultura. O Paulão, vocalista da banda Velhas Virgens, fala assim: “Não gosto de teatro, gosto do teatro do Mário”. Porque acho que faço uma coisa que é bem próxima daquilo que ele faz com a banda dele.

Praça Roosevelt

Sempre me falam que contribuí muito para o renascimento da Praça Roosevelt, para a história do lugar. Eu digo que não. Minha contribuição foi ir beber na praça e levar uns amigos que jamais iriam lá assistir a uma peça de teatro. Eles iam para beber comigo. Então ia muito roqueiro, escritor e quadrinista. O grupo Os Satyros, daqui de Curitiba, teve coragem de abrir um teatro no meio da Roosevelt,

e isso foi heróico da parte deles. Já a minha contribuição foi levar essa turma diferente para a praça, um público que Os Satyros jamais conseguiria arrebanhar, porque eles são um grupo de teatro.

Influência

Acho que é um pouco presunçoso falar que eu consegui influenciar alguém. Tem uma molecada que decidiu escrever para teatro depois de ter visto peças minhas. Fico muito orgulhoso disso. Mas não sei. Essa coisa de seguidores e tal. Eu odeio seguidores. Mas acho bacana saber que um garoto está escrevendo para teatro porque leu um texto meu, porque assistiu a uma peça minha. ■

“Eu tinha lido *O que é punk*, do Antonio Bivar, e ele falava de Jack Kerouac, Allen Ginsberg e outros autores. Fiquei muito curioso para saber quem eram esses caras”



CONTO | MÁRIO BORTOLOTTO



Ilustração André Coelho



HARVEST MOON

Antes de todas as mulheres, de todos os filhos e amigos bêbados e sóbrios e carentes e indiferentes e patéticos e amáveis e execráveis. Antes dessa solidão, de todos os arrependimentos e de eu ter entendido todo o desperdício, das noites desesperadas e desperdiçadas, dos poemas que mandei pro exílio e das mulheres que eu chamei de volta, que eu implorei para que voltassem e que não me quiseram mais e que eu passei a admirar por tal atitude sensata. E essas mulheres subiram no meu conceito. E elas se tornaram intocáveis, inalcançáveis. E de todas as notícias boas que recebi sobre elas. De como estavam felizes com seus novos homens bem apessoados e prósperos e novos empregos e novas vidas cheias de esperança. E, porque agora livres de minha indigesta pessoa era possível ter esperança. E eu devia altruisticamente ficar feliz por elas. Mas tudo o que eu intimamente queria mesmo do alto da minha mesquinhez era que elas se fodessem muito com seus novos homens bem apessoados e novos empregos e novas vidas cheias de esperança. Antes dos impérios derrubados, dos suicídios frustrados, das festas que não quis participar, dos bares da moda que não quis ir, das estreias de teatro que não quis assistir e todas as rejeições e todos os contratos que não assinei e todas as

grandes chances que deixei passar. Antes tinha essa lua explodindo no céu. E meus amigos que uivavam bêbados. E tinha ela santificadamente nua embrulhada na bandeira azul celeste do Londrina Esporte Clube deitada no banco traseiro do carro lendo Hunter Thompson. E tinha esses potes de doce de leite que ela não conseguia abrir e tinha os bolinhos de chuva e panquecas que ela sabia fazer tão bem e tinham esses intermináveis cafés da tarde. E tinha essa lua entrando pela porta do bar. E ela saindo do reservado com o cabelo molhado e colocando um Neil Young na jukebox e me sorrindo me convidando pra dançar e eu acanhadamente aceitando e morrendo de vergonha por não conseguir acompanhá-la. E tinha eu descompensado, dançando desajeitadamente Neil Young com a mulher mais linda do mundo e sabendo que não ia dar certo e que era só questão de tempo pra eu voltar pro inferno que eu conhecia como lar. Antes das putas, dos leões de chácara, e de ser expulso dos puteiros por leões de chácara e de sair espancando orelhões como se eles tivessem algo a ver com o fato de ela gritar comigo do outro lado da linha e me chamar de fracassado e de eu voltar pro puteiro e do leão de chácara escarnecendo de mim: “Ah, você voltou. Quer que eu o chute de novo pra fora?” E antes de

ser chutado de novo pelo leão de chácara e por ela e por todas as outras e antes da chuva de madrugada e antes de eu tentar ligar de novo dessa vez a cobrar porque eu não tinha mais ficha e nem cartão e nem crédito nenhum em nenhum buraco daquela cidade do inferno. E sequer alguma mulher pra eu ligar porque a única mulher que ia querer receber um telefonema meu era minha mãe que não tinha telefone e mesmo que tivesse ela já estaria dormindo e eu não queria acordá-la e meu pai não ia gostar do telefone tocando principalmente se soubesse que era o seu filho inútil do outro lado da linha. E antes de tudo, antes da guerra, antes até de Deus, tinha minha mãe arrastando suas pernas com o joelho quebrado depois de todos os espancamentos e noites solitárias e violentas no Jardim do Sol, tirando todas suas economias da Caixa Econômica e me comprando essa máquina de escrever, essa velha Olivetti Lettera 82. E tudo o que saiu dela, todo o sangue e excrementos e volúpia e maldições e descrença e desejos de vingança expurgados em letras deliberadamente inconsistentes. Mas é só o que eu tenho pra essa vida. Essa lua que emoldura o cenário triste da minha inadequação. Entre o que eu experimentei como nascimento e do que eu entendo como eternidade. ■

YOUR SONG

Tem isso que eu posso te oferecer. Esses movimentos desconexos. Essa inaptidão e esse desconforto de estar. E tem essa canção. E eu não quero levantar da cama porque tenho medo de pisar nos cacos de vidro do abajur que se quebrou na última briga. Tem essa náusea. Tem essa ferida na boca. Tem o sangue pingando na pia e todo o ódio, todo o ódio que não se atenua. Nem com toda a visão do sangue. O ódio que permanece. Que sobrevive. Que resiste. A todas as canções de amor. A todas as bem intencionadas canções de amor. Porque não se enganem, o amor nunca passou de uma boa intenção. Nós ficamos cientes disso depois da primeira rasteira, do primeiro nocaute, do primeiro beijo na lona. Mas ainda assim seguimos acreditando que é possível deixar pra trás. Todo o repertório. Você sabe, as mulheres, os desejos secretos, as noites de bebedeira,

os amigos debaixo de jardins floridos. E os aeroportos e estações rodoviárias com suas canecas de chopp e seus donuts estúpidos.

E tem as putas. Todas as noites as putas contando suas histórias desinteressantes e suas vidas monótonas de bares esperando uma trepada, um drink ou um afago. Esperando um canto aconchegante da cama. Esperando não serem chutadas pra fora das camas dos hotéis vagabundos.

Tem esse negócio, esse sentimento cruel que chamam de amor. Marilyn cantando “parabéns” pro Kennedy. John Fante deixando a cidade depois do terremoto. Hemingway tentando enfiar o garfo na boca. Fitzgerald embebedando Zelda. Celine praguejando a impossibilidade do amor.

E tem essa canção. Graças a Deus tem essa canção. Sobre o barulhos dos automóveis e aviões que pousam ruidosos

nos aeroportos. Sobre os latidos dos cães raivosos e sobre os gritos de agonia dos pobres coitados em suas trincheiras.

Tem você sorrindo nas fotos das colunas sociais, abraçada com outros caras. Eu tenho o seu nome no Google que eu não quero pesquisar.

E tem essa canção que não é o melhor que eu posso te oferecer. É só o que eu quero te oferecer. Pra que no fundo do salão eu possa ficar de longe te admirando enquanto você dança com outros caras. Caras que eu desprezo com toda a força da minha alma condenada. Eu os desprezo por dançarem tão bem. Por sorrirem pra você com seus dentes odontologicamente perfeitos. Por segurarem na sua cintura com graça e leveza. E nesse momento desengonçadamente eu vou poder ir embora. Finalmente vou poder ir. Livre. Pra nunca mais voltar. Eu estaria muito fofido se não existisse essa canção. ■

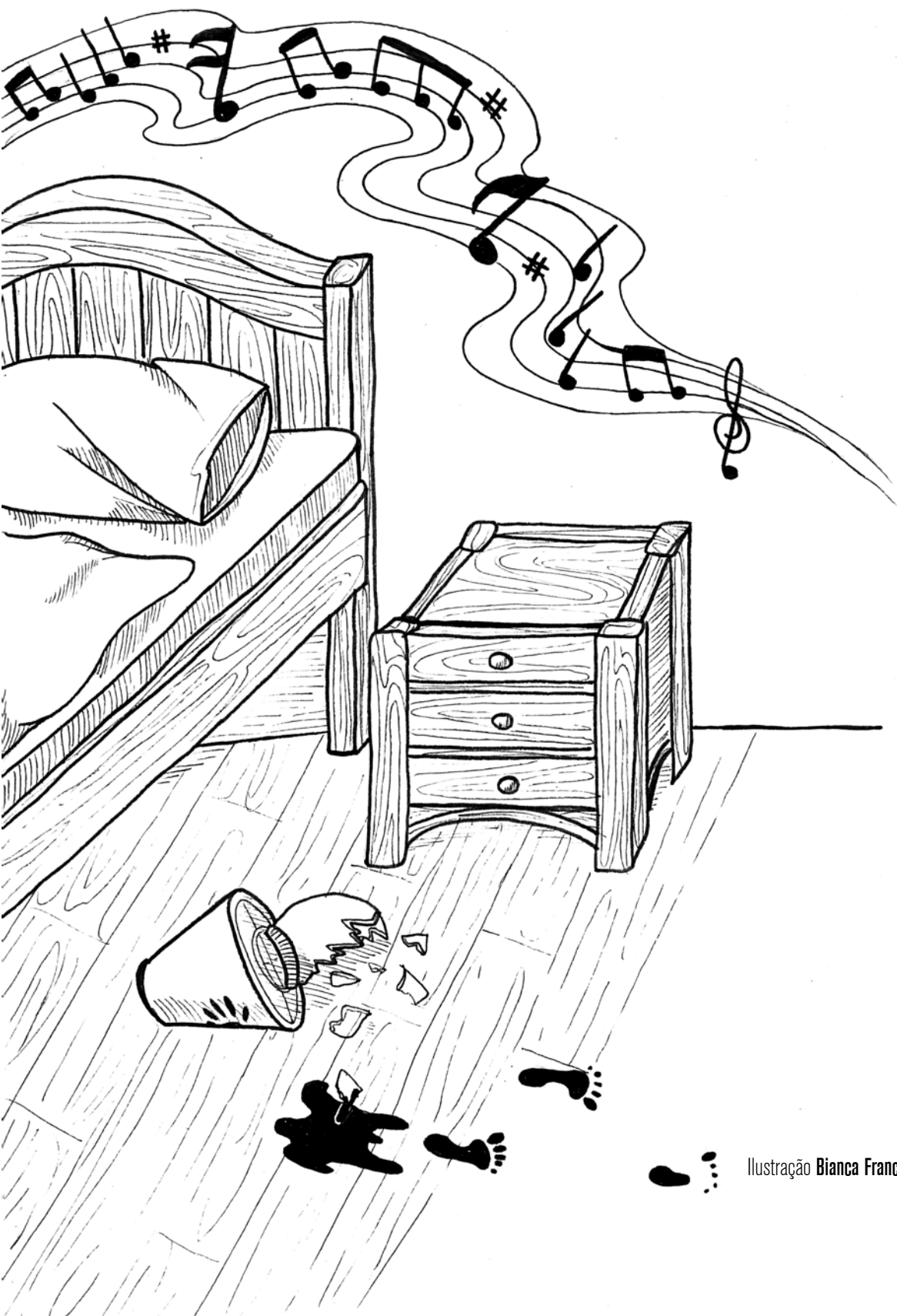



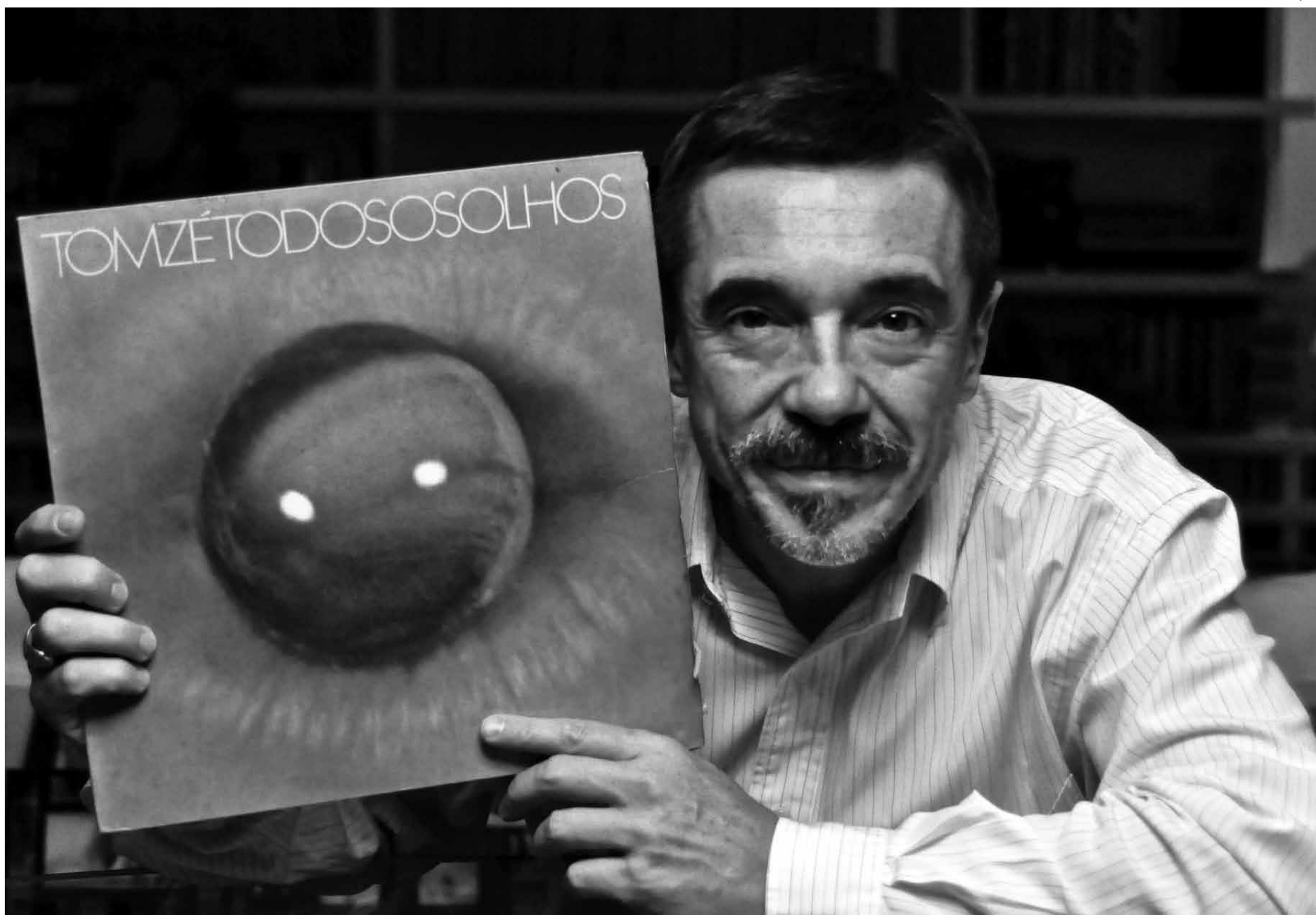
Ilustração Bianca Franco

 **Mário Bortolotto** nasceu em Londrina (PR). É escritor, ator e vocalista da banda Saco de Ratos. No teatro, escreveu, dirigiu e atuou em dezenas de peças. Em 2000, recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra e o Prêmio Shell de Melhor Autor por *Nossa vida não vale um Chevrolet* – peça que em 2008 ganhou uma adaptação cinematográfica. Também é autor do romance *Bagana na chuva* e das coletâneas de poemas *Para os inocentes que ficaram em casa* e *Um bom lugar pra morrer*. Bortolotto vive em São Paulo (SP).



Para entender o Brasil

Divulgação



O baterista e pesquisador indica livros sobre música e futebol — assuntos que, para ele, são espelhos da realidade do país

OMAR GODDY

Parafraseando (pela enésima vez) a letra dos Titãs: Charles Gavin está lendo tudo ao mesmo tempo agora. Livros sobre arte, esportes, História do Brasil, indústria do entretenimento, economia... A razão é um novo projeto que ele desenvolve para a televisão, derivado de um evento realizado no Rio de Janeiro em novembro do ano passado. “Eu e o [jornalista] Arthur Dapieve convidamos vários artistas e jornalistas esportivos para um bate-papo sobre a compreensão do país através da música e do futebol. O resultado foi muito positivo e vamos tentar formatar essa ideia para o audiovisual”, explica.

Enquanto o programa não sai do papel, Gavin prepara mais uma temporada de “O som do vinil”, atração fixa do Canal Brasil que comemorou uma década no ar em 2017. Sempre lembrado como baterista dos Titãs (foi integrante da banda entre 1985 e 2010), hoje ele também é reconhecido pelo trabalho como pesquisador da MPB, com um extenso currículo de álbuns relançados e mais de uma centena de entrevistas realizadas com artistas, produtores, técnicos, etc.

“Quando eu comecei a mexer com esses projetos de memória da música brasileira, era duríssimo conseguir bibliografia sobre o assunto. Hoje a oferta está bem maior, e o mesmo vem acontecendo com o futebol. Tenho co-

leccionado todos os livros que saem sobre os dois temas”, diz o músico, que já publicou cinco volumes com transcrições de entrevistas exibidas no programa — o mais recente sobre o disco *A peleja do Diabo contra o dono do céu* (1979), do paraibano Zé Ramalho.

Empolgado com suas últimas leituras, ele cita alguns títulos que o surpreenderam. Como *A canção brasileira: Leituras do Brasil através da música*, da socióloga Santuza Cambraia Naves, morta em 2012. “Ela não era musicista, mas tratava do assunto como se soubesse tocar um instrumento. Os artistas costumam ter um certo preconceito com os críticos e acadêmicos, mas muitos deles sabem mais do que muita gente do meio”, afirma.

Um livro de músico que se arriscou nas letras também está entre os preferidos do ex-Titã. É *A estrada da cura*, relato da jornada pessoal do baterista Neil Peart (membro do trio canadense Rush) após perder a filha e a mulher em um curto período de tempo. “Ele nem fala tanto de música no livro. Tem uma ou outra informação sobre o dia a dia da banda. Mas é fantástico conhecer a engenharia emocional que ele desenvolveu para superar essas perdas.”

Outras descobertas recentes que ele indica são *Veneno remédio*, de José Miguel Wisnik (“Mostra, de uma forma muito especial, como o futebol pode explicar o nosso país”), *Maestros, obras-primas*

e *loucuras*, do crítico britânico Normal Lebrecht (“Trata dos bastidores da música erudita e do impacto das tecnologia digitais na indústria do disco”), e *Como matar a borboleta azul: Uma crônica da era Dilma*, da economista Monica Baumgarten de Bolle (“Explica, para o leitor comum, como chegamos nessa crise em que vivemos”).

Já comprado, porém ainda na fila para ler, está *Cada um por si e Deus contra todos*, recém-lançada coletânea com 13 contos inspirados nas faixas do clássico titânico *Cabeça dinossauro*, lançado pelo grupo em 1986. “Estado violência”, um dos temas do disco, é uma rara composição com música e letra de Gavin. “Escrevi quando ainda tocava no Ira!, na época ela se chamava ‘Homem palestino’. A versão final surgiu alguns anos depois, e foi baseada na prisão injusta do Arnaldo Antunes”, conta. [Em 1985, o vocalista foi preso por porte de heroína e ficou detido por um mês]

Gavin lembra que o ingresso nos Titãs marcou uma nova fase em sua vida, e não apenas em termos artísticos e profissionais — mas também no que diz respeito ao seu repertório literário e cultural. Liderado por vários (e bons) letristas, o grupo rapidamente despertou o interesse de poetas como Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, Paulo Leminski e Wally Salomão, entre outros. “O convívio com essas fi-

guras, além de cineastas, jornalistas e outros artistas importantes, foi a ‘cola’ que faltava na minha formação”, afirma.

Uma formação que começou por meio de enciclopédias e coleções de fascículos compradas pelo pai, empresário do ramo de importação de relógios. “Ele não gostava de política, mas tinha muita curiosidade sobre tecnologia, guerras, fatos históricos”, lembra. “Logo que eu me alfabetizei, meu pai me deu uma coleção de dez volumes chamada *Primeiros passos da ciência*. Ali eu aprendi as primeiras noções sobre luz, som, eletricidade, magnetismo. Conceitos que me acompanharam para sempre na minha carreira como músico e produtor”, completa.

E por falar em música, Gavin avisa que deve voltar aos palcos em 2017. Ele ainda se apresenta eventualmente com a banda Panamericana (ao lado de outros veteranos do rock oitentista, como Dado Villa-Lobos), mas não excursiona para valer desde a época dos Titãs. Agora, no entanto, o baterista tem ensaiado “a sério” com a jovem cantora Duda Brack, o guitarrista Paulo Rafael (músico de apoio de Alceu Valença) e o baixista Felipe Ventura (do grupo *indie* Baleia). “Acho que essa combinação de músicos jovens com experientes está ficando bem interessante. Quem sabe a gente não cai na estrada no ano que vem?”, diz, empolgado. ■

PODERÍAMOS SIMPLEMENTE JUNTAR NOSSAS SOLIDÕES



Ao mesmo tempo, um ônibus amarelo soltou fumaça preta, as colegiais tropeçaram na calçada e as senhoras depositaram o corpo em frente ao prédio. Eu estava prestes a abrir o portão, chaves balançando. Suava no peito do calor de janeiro. O homem caído vestia um pijama conhecido. Isso me acalmou.

Ignorei o que acontecia, subi os três lances de escada, abri a porta, revii as contas não pagas, prometi pagá-las no dia seguinte e olhei pela janela. Uma pequena multidão se agrupava ao redor do homem caído. A cena imitava uma pintura pontilhista. Movimento, roupas coloridas, gestos intermitentes. Acendi um cigarro. Há instantes de incertezas entre a vida e o que achamos que é a morte. Respira-se ou não, viram-se os olhos doidamente ou não, suspira-se com profundidade até então inédita.

Era o fim para aquele homem que vestia pijamas largos às seis da tarde. Estava da cor de parafina, a verdadeira cor da morte. Quatro graus de miopia não me impediram de ver a cabeça caída para trás, os olhos catatônicos, e o gogó, que pronunciado devido à posição exótica, olhava em minha direção como se fosse um olho hare krishna, este sim muito aberto. Acendi outro cigarro. Traguei fundo.

Antes de espiar na janela, tirei o paletó e fiz rodar um vinil na radiola da sala. Talvez quisesse mesmo era aproveitar a cena que transcorria ao vivo, melhor do que qualquer programa policiaisco típico daquelas horas em que se chega do trabalho no pique e se está louco para trepar, tomar um uísque, fumar, ouvir *jazz*. O corpo estava na maca. No chão, a poça de sangue de um vermelho profundo e pedaços de carne recheados de cabelo. Dedos rijos e esfolados agarravam penas imponentes. Colocaram um colar cervical em volta do pescoço. Muitos tiravam fotos com o celular e aquilo atrapalhava a visão do rosto mumificado. O CD tocava a faixa três de um disco de Coltrane quando a bituca do quinto cigarro caiu ao lado da ambulância que acabara de chegar. Senti-me desumano e egoísta. Ri um pouquinho. O silêncio após o aquietar da sirene é banal, mas ao mesmo tempo carrega um sentimento de finitude. Gosto de ambulâncias pelas surpresas que carregam.

Dois paramédicos vestidos de azul bebê ergueram o corpo enorme de Francisco com dificuldade. As pernas estavam como as de um boneco de pano, dobradas em direções impossíveis. Encaixaram um tubo de plástico em seu nariz batatudo antes de enfiarem a

maca na ambulância com certa vagareza, como se avisassem em silêncio aos populares que não tinha mesmo mais jeito. A sirene soou novamente e desapareceu como das crianças desaparecem os soluços. Conhecia Francisco há dois anos. E aí você me perguntaria por que não fui acudi-lo, conferir se era ele mesmo, se estava realmente morto. A verdade é que não sei. Meio que desacreditei de tudo. Das coisas deste mundo. Pra ser sincero, o que quero agora é fumar e ver, daqui de cima, as pessoas conjecturarem o que teria acontecido com Francisco. Coltrane está no fim.

Os apartamentos neste bairro, antigamente tranquilo e hoje violento, têm dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Quando me mudei, pensei que o espaço total seria pequeno, porque estava acostumado com a casa grandiosa da minha ex-mulher, uma vaca que mentiu para Deus e o mundo e da qual ainda tenho saudades. Hoje penso que morávamos num desperdício imobiliário. Vivíamos juntinhos, na piscina olímpica, em raias separadas, em volta da mesa da sala de jantar (eu numa ponta, ela em outra), e utilizávamos a louça especial de casamento aos domingos para empratar a comida tailandesa do *delivery*. O silêncio começou a fazer eco e a desconstruir o que pensávamos

que tínhamos. Tornamo-nos dois ratos num labirinto em tamanho real. A terceira idade do amor é a solidão mútua.

Francisco morava logo acima, no 48. Seu chão era o meu teto. Em dois anos, conversamos pouco. Não me arrependo. Até achava simpático vê-lo entrar no elevador com o estojo do violão nos braços. Nas noites de fim de semana, sozinho, engatava boleros e serestas. Baladas francesas, Frank Sinatra. Francisco tocava muito mal apesar das aulas que ainda fazia. Eu, também sozinho nessas noites eternas, não sentia pena antes de ligar o som em volume alto o suficiente para abafar suas palhetadas atrapalhadas. Francisco está morto.

Meu apartamento tinha problemas hidráulicos constantes. Água vazava pelo cano da pia do banheiro mês sim, mês não. Às vezes arrumava por conta porque o encanador responsável pela imobiliária só atendia às segundas-feiras, certamente o pior dia para se consertar encanamentos. Tomava banho frio numa manhã de sábado quando notei gotas caindo do teto. Havia uma infiltração, o bolor verde-musgo nojento começava a ganhar forma no gesso descascado. Vinha de Francisco.

Passava das onze e já tinha fumado três cigarros. Subi as escadas, toquei a campainha. Tinha visto o interior de

sua casa apenas uma vez, rapidamente, quando o ajudei a carregar um sofá recém-comprado para dentro da sala. Gosto de observar o interior das casas das pessoas. Daqui da minha janela, dependendo do dia e da sorte, consigo ver o que a vizinha do prédio da frente pretende fazer para o jantar, ou que o casal de velhos do apartamento ao lado vê filmes no Telecine Touch de mãos dadas. É um *hobby*. Faço isso, fumo e escuto *jazz* e assim são meus dias.

No dia em que nos conhecemos, Francisco abriu a porta depois das minhas três batidinhas e pouco deu para perceber do seu mundo: a sala tinha uma poltrona de couro antiga (provavelmente utilizada para leitura, já que um abajur amarelo se aninhava ao lado), um tapete cor de creme, que contrastava com o assoalho escuro de madeira, dois violões, uma geladeira última geração, destas que armazenam água gelada na porta, e uma gaiola vazia perto da janela. Por algum motivo, senti que era um lar incompleto, como o meu, e isso me fez bem.

“Um vazamento no seu apartamento está inundando o meu”, disse, exagerando para ver a reação do homem. Francisco tinha uns 60 anos, cabelos ralos e grisalhos, um nariz batatudo, como já disse, algumas espinhas

na cara e grandes olhos verdes. “Precisamos ver isso. É no banheiro?” Voz so-lene. A dicção pragmática me lembrou um pouco a do meu pai, que quase separava as sílabas enquanto falava, “VO-CÊ PRE-CI-SA SOR-RIR MAIS, GA-RO-TO”. “Sim. O encanador vem na segunda-feira.” “Obrigado. Ainda bem que só tomo um banho por dia”, disse Francisco, tentando soar engraçado. “Por que a gaiola vazia?”, perguntei num rompante — se tivesse com um cigarro, daria uma tragada maravilhosa, daquelas de acender a brasa por completo, depois soltaria um redemoinho de fumaça e bateria as cinzas sem olhar para elas, com elegância despropositada. “Tinha um pássaro, mas ele voou pela janela.” “Que bom, está em liberdade agora”, eu disse sem ele esperar. Provocar-lhe algum tipo de desconforto talvez ajudasse. “Provavelmente ele morreu”, interveio o homem. “Não sabia se virar sozinho.”

“Como era o pássaro?”

“Um canário Harzer. Importado.”

“Hum.”

Essa foi a nossa conversa mais duradoura. Eu não fazia ideia do que era um canário Harzer. Só conhecia o belga, e achava extremamente irritante. No mesmo sábado, liguei o computador

para pesquisar sobre o bicho. O nome carregava algo de épico. Harzer. Miles Davis no som: “O Harzer é um canário robusto, sendo a coloração da sua plumagem o amarelo, o verde e o manchado de verde e amarelo. A alimentação do Harzer é diferente da de todos os outros canários. A característica principal é a percentagem elevadíssima do nabo na mistura de sementes. As fêmeas geralmente são ótimas mães, cuidando zelosamente dos filhos, e os machos bons pais, mesmo quando acasalados com duas ou três fêmeas. O que distingue o Harzer é o seu canto melodioso, suave e enternecedor, em contraste com o som forte e metálico dos canários comuns. Canta com o bico fechado, numa posição elegante, enquanto a garganta se dilata por debaixo das penas”.

Baita bicho. Teria Francisco ficado muito triste sem o Harzer? Uma vez a síndica me disse que ele era o homem mais triste do mundo, e eu duvidei. Mas, lembrando do seu apartamento agora, e da forma levemente lânguida como olhava para as coisas e as pessoas, penso que sua vida pode ter se transformado justamente numa gaiola vazia, algo ridiculamente inútil.

Fui ao aviário. Sábado à tardinha não é uma boa hora para as galinhas de

angola, que jaziam esfarrapadas em gaiolas quadradas e imundas depois da bateção de asas e do calor de um dia inteiro. Elas não foram escolhidas por ninguém, a vida é injusta e os bichos ainda não sabem disso. Num canto, uma cacatua maior do que um gato berrava, talvez porque não tivesse mais comida em seu pratinho. Alguns peixes no aquário eram seguidos por aqueles fios de merda que lhes transformam momentaneamente em seres marinhos com rabos compridíssimos. Perguntei a um rapaz de bigode e regata se ele tinha Harzer e ele me disse não, só estricnina. Disse então que não procurava veneno, e sim um canário. Um canário cuja espécie pode alternar entre trinta variedades de canto. Expliquei a ele que certa vez na Inglaterra um operário de nome Henry Seiffert revolucionou uma exposição de canários ao levar vários Harzer, que cantaram em uníssono uma música dos Smiths.

“Não temos, senhor. Só o belga.” Canários belgas são sem graça, parecem pintos que cresceram demais. “O que mais você tem aí?”

“Um pássaro raro, senhor.” Fui guiado a um cômodo anexo, em que havia um aquário com cobras e uma grande gaiola. Dentro dela, uma casa de madeira. Dentro da casa, um bicho es-

petacular, de um azul-escuro estonteante, rabo comprido e bico como o de um falcão selvagem. “Apareceu há algum tempo. Importado.”

O pior de carregar na rua uma gaiola com um pássaro de uns dois quilos é não ter mãos disponíveis para acender um cigarro. Já era noite quando cheguei em casa, louco para mostrar a Francisco a surpresa, e me sentir importante, apreciar sua gratidão, receber certo louvor e devoção. Deus, como isso é bom. Subi a escada, estava escuro, bati a gaiola na parede e o bicho reclamou. Francisco estava de pijamas largos e parecia cansado. “Pra você.”

Precisava ver a reação do homem! As duas mãos na cabeça, que balançava negativamente como se não acreditasse naquele milagre verdadeiro, os óculos escorregaram da cara porque Francisco começou a chorar de repente. Disse que estava muito feliz, uma felicidade que não lembrava que existia, e que ia cuidar do bicho como se fosse seu filho Thomas, o suicida. Desci os 32 degraus, voltei para casa, acendi um cigarro e ouvi Thelonius Monk.

Nos dias seguintes, espiando da janela, percebi que Francisco saía mais à rua. Voltava do mercado com sacos de milho, de alpiste, de rações coloridas


e frutas frescas. Havia tingido o cabelo. Pela manhã, o canto do bicho ecoava por todo o prédio. Era suave e melancólico, desproporcional em relação à aparência. Parecia a Nina Simone. E assim foi até o dia em que o corpo do meu vizinho foi encontrado no chão do prédio, disforme como uma lasanha crua.

Dois sobrinhos vieram ao apartamento de Francisco no dia seguinte à sua morte. Comportavam-se não como se estivessem de luto, mas como se precisassem resolver as coisas o mais depressa possível, numa velocidade incompatível com a eternidade que de alguma maneira se fazia presente. Talvez não fossem íntimos. Talvez Francisco não tivesse intimidade com ninguém.

Acendi um cigarro e fui para a janela, onde vi um pequeno caminhão sendo carregado com o sofá, o abajur, a poltrona e os violões. Escolhi Bill Evans antes de espiar o andar de cima. As duas gaiolas permaneciam no apartamento vazio, de portas abertas. Cru e esquisito, o cenário era como que uma instalação artística contemporânea sobre o tema “liberdade sem limites.”

O pássaro não era totalmente domesticado. Assim como não são as pessoas infelizes, eternamente sensíveis à infelicidade alheia. ■

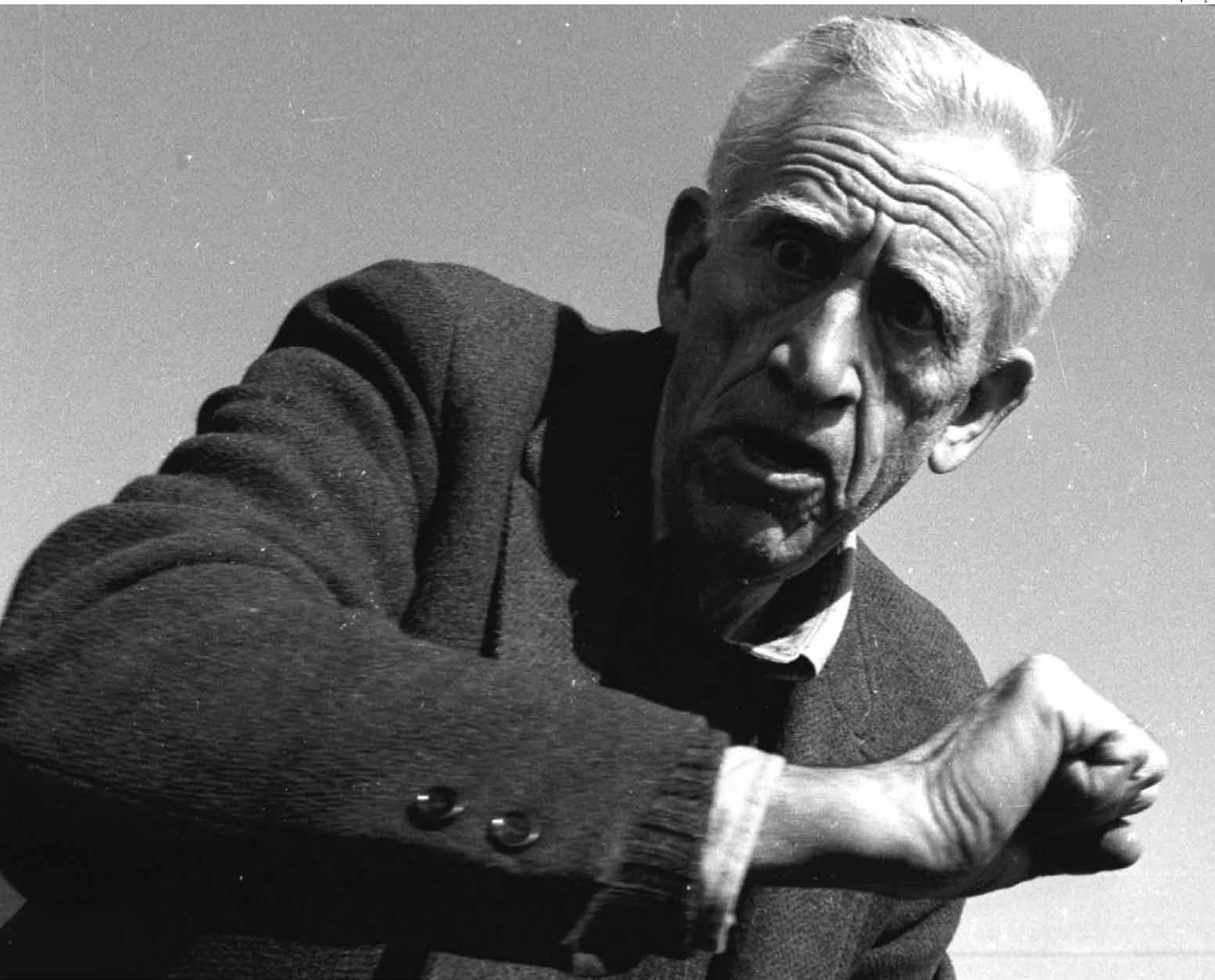
 **Marluce Roque** é aluna de Design Gráfico da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vive em Curitiba (PR)

 **Cristiano Castilho** é jornalista. Nasceu e vive em Curitiba (PR). Publicou o conto “Compressa” pela editora Tulipas Negras (2012), foi vencedor do concurso “Minicontos”, da Geração Editorial (2012), e um dos autores do *Livro das novas*, com o conto “Alvorada” (2014).



Pra cima com o Salinger, moçada

Reprodução





O autor de *O apanhador no campo de centeio* produziu uma obra pouco extensa, porém notável. Recluso e sem publicar por quase meio século, morreu em 2010. Desde então, cresceram as especulações sobre os livros que ele teria escrito durante as décadas de autoexílio. O jornalista **Roberto Muggiati** comenta sobre o que pode acontecer com o legado do escritor

Até morrer em 2010, aos 91 anos e 26 dias, Jerome David Salinger foi o mais zeloso guardião de sua obra. Com seu desaparecimento, começaram as especulações de que pudesse ocorrer um relaxamento da sua proibição taxativa de transformarem seus livros em filmes e de que também viessem à tona alguns dos textos que alegava escrever diariamente no seu *bunker* em Cornish, New Hampshire, desde sua última publicação — a novela *Hapworth 16, 1924*, em 1965 — até 2008. Já imaginaram quantos livros dariam seus 43 anos de trabalho literário intenso?

Mas a cereja do bolo de uma nova onda salingeriana seria a versão filmada de *O apanhador no campo de centeio*. A relação de Salinger com o cinema sempre foi rica e complexa. Ele viveu a adolescência nos empolgantes primeiros anos dos filmes falados — os *talkies* — que, com o rádio e as revistas ilustradas eram as maiores formas de divertimento contra as agruras da depressão econômica. Uma lenda atribui o nome do personagem Holden Caulfield à visão que Salinger teve de uma marquete de cinema anunciando *Dear Ruth* (1947), estrelado por William Holden e Joan Caulfield. Acontece que a primeira história figurando Holden, *I'm Crazy*,

foi publicada na revista *Collier's* em 22 de dezembro de 1945, um ano e meio antes do lançamento do longa. E, antes de pontificar em *O apanhador*, o personagem aparece ainda, com o nome completo de Holden Morrissey Caulfield num conto de dezembro de 1941, o primeiro que Salinger teve aceitado pela prestigiosa *New Yorker*, “Slight rebellion off madison”. (Com o ataque japonês a Pearl Harbor e a entrada dos EUA na guerra, a *New Yorker* só publicaria a história em 22 de dezembro de 1946.) E, ainda, num conto de outubro de 1945, na revista *Esquire*, “This sandwich has no mayonnaise”, Holden Caulfield é dado como desaparecido em ação na guerra.

Como consolação, depois da morte de Salinger, começaram a aparecer (e estão disponíveis no YouTube), versões isoladas de seus contos, particularmente “Peixebanana” e “Para Esmé — com amor e sordidez”.

Traumas cinematográficos

J.D. Salinger sofreu dois traumas relacionados com o cinema. Em 1942, aos 24 anos, ele começou a se encontrar com a filha do dramaturgo Eugene O'Neill, Oona O'Neill, de 17 anos, a

Debutante do Ano daquela temporada no Stork Club de NY. Antes dele, Oona já tinha namorado o cartunista Peter Arno e o cineasta Orson Welles. Embora comentasse com um amigo que “a pequena Oona está loucamente apaixonada pela pequena Oona”, Salinger ficou apaixonado pela moça e só a guerra os separou, mas a troca de cartas continuou intensa, até que um dia ela parou de responder. Foi pelos jornais, já no exército dos Estados Unidos, que ficou sabendo do casamento dela, um mês depois de completar 18 anos, com o Rei do Cinema, Charles Chaplin, então com 54 anos. Uma carta da época dá uma medida da mágoa de Salinger: “Posso vê-los nas noitadas caseiras. Chaplin agachado cinzento e nu, em cima da cômoda, balançando sua tireoide ao redor da cabeça com a bengalinha de bambu, como um rato morto. Oona, num vestido água-marinha, aplaudindo loucamente do banheiro.”

O segundo problema teve a ver com a adaptação de um conto seu para as telas. Os irmãos Julius e Philip Epstein (do roteiro de *Casablanca*) sugeriram ao produtor Samuel Goldwyn a compra do conto de Salinger “Uncle wiggily in Connecticut”, publicado na *New Yorker* de 20 de março de 1948. Salinger vendeu os direitos. Os Epstein



Salinger lutou na Segunda Guerra Mundial e participou do desembarque à Normandia, no famoso Dia D, em 6 de junho de 1944.

roteirizaram e Mark Robson dirigiu o filme *My foolish heart/Meu maior amor*, estrelado por Dana Andrews e Susan Hayward. Foi uma tentativa honesta, mas como encher hora e meia de projeção com uma história de menos de 20 páginas? A magia dos contos de Salinger reside justamente no que fica de fora, na economia de meios narrativos e no poder da sugestão. *My foolish heart* decepcionou na bilheteria e foi açoiado pela crítica. Talvez a contribuição maior da fita tenha sido a canção-título, música de Victor Young e letra de Ned Washington, que seria imediatamente adotada como uma favorita dos jazzistas, Bill Evans que o diga. Já Salinger detestou e jurou que nunca mais vende-

ria um texto para Hollywood.

Após o lançamento do *Apanhador*, Salinger seria assediado com propostas de adaptação para o cinema. O próprio Sam Goldwyn foi de novo à carga. O ator Jerry Lewis tentou conseguir o papel durante anos e outros se candidataram, como Marlon Brando, Tobey Maguire, John Cusack, Leonardo DiCaprio e Jack Nicholson (que aparece lendo o *Apanhador* no filme *O iluminado*.) Bob Dylan foi muito falado para o papel nos anos 1960. Diretores como Billy Wilder e Steven Spielberg também correram atrás; Elia Kazan quis adaptá-lo para a Broadway. Já pensaram num *Holden Caulfield, o Musical*? Salinger descartou a ideia com iro-

nia. Sugeriu que ele mesmo montaria a peça, figurando no papel de Holden com a atriz-mirim Margaret O'Brien.

Quase tudo igual

Depois da morte de Salinger em 2010, Phyllis Westberg, agente do escritor, disse que nada havia mudado quanto ao licenciamento de suas obras para teatro, cinema ou TV. Mais recentemente, foi publicada uma carta de Salinger, escrita em 1957, que muda um pouco as coisas. “É possível que um dia os direitos do *Apanhador* sejam vendidos. Como existe uma forte perspectiva de que eu não venha a morrer rico, brinco seriamente com a ideia de deixar os direitos para minha mulher e filha como uma espécie de apólice de seguro. Isso não me dá nenhum prazer. Mas, felizmente, não verei os resultados da transação. O único teatro para o qual quero escrever é aquele palco maravilhoso dentro da cabeça de cada leitor.”

Novas histórias?

Outra interrogação importante é se teremos acesso a novos textos de Salinger. Sua última história, *Hapworth 16, 1924*, foi publicada na revista *The New Yorker* em 19 de junho de 1965, ocupando quase toda a edição com suas 80 páginas. Salinger, em 1996, tomou a iniciativa de publicá-la na forma de livro por uma pequena editora da Virginia. Foi até lá pesquisar detalhes como tipologia e pano da capa, mas quando a mídia criou um estardalhaço, com os livros já impressos e prontos para distribuição, ele abortou a publicação. Curiosamente, este último texto publicado de Salinger termina

pelo começo de tudo, uma carta do menino de sete anos Seymour Glass para a família contando sobre suas férias num acampamento de verão. A estreia de Seymour como personagem começou pelo fim, com seu suicídio aos 31 anos em “Um dia perfeito para peixebanana”, publicado em 1948.

Joyce Maynard, que teve uma relação amorosa de nove meses com Salinger (ela com 18 anos, ele 53), e tratou do caso no livro *Abandonada no campo de centeio*, disse que ele continuava trabalhando disciplinadamente algumas horas toda manhã e que, em 1972, tinha completado dois romances. Em 1974, Salinger pegou o telefone e ligou para uma repórter do *New York Times*. Numa rara entrevista — a primeira em 21 anos —, ele se mostrava preocupado com versões pirateadas de seus contos avulsos publicados em revistas. Obteve o que queria: uma matéria na capa do jornal e, com a colaboração do FBI, o pronto recolhimento dos contos (22 no total) que não queria ver publicados (“*gaucheries of my youth*” — bobagens da minha juventude). Na ocasião, ele revelou à repórter: “Existe uma rara paz em não publicar... Gosto de escrever. Adoro escrever. Mas escrevo só para mim mesmo e para meu prazer.” Segundo Maynard, ele encarava a publicação como uma tremenda interrupção, uma invasão de sua privacidade.

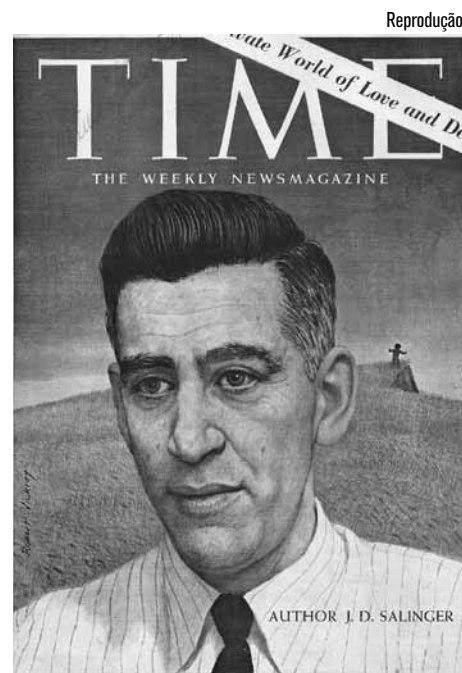
Mas Salinger não se mostraria tão radical com o avanço da idade. No seu livro de memórias *Dream catcher/Guardião dos sonhos* (2000), a filha de escritor, Margaret, diz que ele criou um sistema de arquivamento detalhado para seus manuscritos inéditos: “Uma

marca vermelha significava, se eu morrer antes de terminar meu trabalho, publiquem isso ‘como estiver’; azul significava publiquem, mas editem primeiro, e assim por diante.” Um vizinho comentou que o autor havia lhe dito que já escrevera 15 romances inéditos.

Ponto de virada

O verdadeiro divisor de águas na vida de Salinger ocorreu quando ele deixou Nova York em 1953 e foi morar, pelo resto dos seus dias, em Cornish, New Hampshire. Dois anos depois, aos 36 de idade, casou com Claire Douglas, 20 anos, que seria a mãe de seus filhos Margaret (1955) e Matthew (1960). Claire era filha de um famoso crítico de arte britânico e Salinger a conheceu numa festa em Cambridge. Ela inspirou o marido a criar o personagem Franny, do livro *Franny e Zooey* (1961). Publicado primeiro na *New Yorker* de 7 de fevereiro de 1955, *Franny* foi o presente de casamento de Salinger a ela.

No início da relação, o casal empreendeu uma verdadeira maratona de busca religiosa, passando por coisas como a Paramahansa Yogananda, o Kriya Yoga, a Dianética — precursora da Cientologia (conheceram até seu fundador, L. Ron Hubbard) — e uma sequência de crenças médicas, espirituais e nutricionais que incluíam Edgar Cayce, a Ciência Cristã, macrobiótica, acupuntura e homeopatia. Salinger sofreu também a influência do budismo Zen. A epígrafe de *Nove histórias* é um koan — espécie de charada — do Zen: “Conhecemos o som de duas mãos batendo palmas, mas qual é o som de uma mão batendo palma?”



Em 1961 J. D. Salinger apareceu na capa da revista *Time*, algo cobiçado por muitas personalidades da época.



O empresário Donald Hartog e J. D. Salinger posam em Londres, em 1989.

SALINGER E EU

Roberto Muggiati

Em 1962, investi na redação da *Senhor*, em Copacabana, e ofereci ao chefe de redação, Paulo Francis, minha tradução do conto de J.D. Salinger *Um dia perfeito para peixebanana*. A revista publicou no número seguinte e tornei-me o primeiro a traduzir Salinger para o português, embora sem receber o devido crédito. (Tempos depois, para efeitos de aposentadoria, obtive uma carta do editor da revista, Reinaldo Jardim, atestando que a tradução era minha.) A publicação do conto na *Senhor* era uma amostra dos tempos que vivíamos, sem pecado abaixo do Equador: publicava-se Salinger na marra – logo ele – sem pagar direitos autorais.

Reclamei o crédito e a *Senhor* expiou sua culpa publicando em outubro do mesmo ano meu ensaio *Os moralistas corruptores*, sobre uma turma bem mais da pesada do que JD – Sade, Lawrence, Miller, Mailer & Cia. Assinado, desta vez. Entrei assim para a galáxia da revista mais sofisticada que o Brasil já teve, apesar de sua trajetória – para insistir na terminologia dos astros – meteórica. A *Senhor* durou cinco anos, de março de 1959 a janeiro de 1964.

Outro episódio que vivi com o peixebanana foi quando a revista da editora Brasiliense me pediu um texto sobre o conto e resolvi escrevê-lo na forma de um peixebanana. Depois de datilografar o texto, cortei com tesoura palavra por palavra e, com cola sobre papel, fui compondo manualmente o artigo em forma de peixe (imagem abaixo). A reação do editor: “Mas não dá para ler assim.” E publicou o texto no formato protocolar de retângulo vertical, com duas silhuetas em grisê do meu peixe gorduchinho ao fundo. O artigo intitulava-se *Seymour*, ou *O dia em que o peixebanana saiu da água* (alusão ao título de um filme da época). Eu chamava Holden Caulfield de “o Pequeno Príncipe dos rebeldes sem causa, que fez a cabeça da geração silenciosa dos anos 1950 e da geração ruidosa dos anos 1960.”

Reação parecida teve o editor novaiorquino Robert Giroux em 1951 quando Jack Kerouac colocou em suas mãos a primeira versão de *On the road*, um só parágrafo datilografado em espaço simples num único rolo de papel de 40 metros de comprimento. “Mas não vai dar para fazer a revisão assim.” Kerouac pegou o rolo e se mandou. Menciono este incidente porque Giroux entrou para a história: além de perder *On the road*, também perdeu *The catcher in the rye*, ao insinuar a Salinger que o livro precisaria ser reescrito. Ou seja, deixou escorrer por entre seus dedos os dois grandes heróis *cult* da América do século XX: Dean Moriarty e Holden Caulfield.



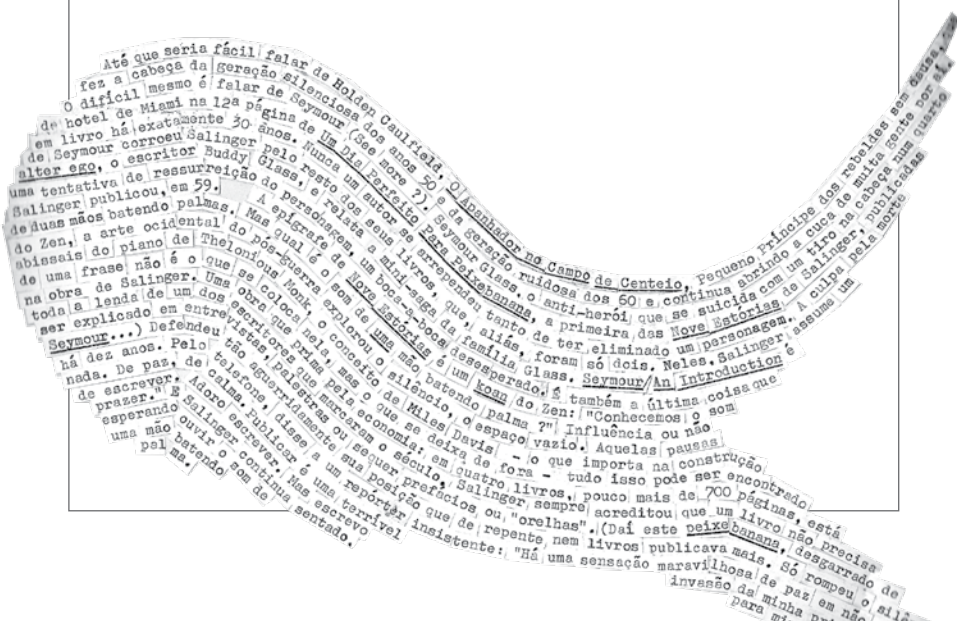
A casa do escritor em Cornish, cidade em que se refugiou em 1953.

A esta altura, Salinger tinha construído um bunker, uma estrutura de concreto afastada da casa principal onde começou a se trancar dias seguidos só para escrever. Uma ex-empregada relatou: “Ele nunca estava em casa. Tinha um estúdio a uns trezentos metros da casa e ficava lá o tempo todo, às vezes duas semanas seguidas. Tinha um pequeno fogão em que podia esquentar comida. Acho que era duro para Claire. Enquanto trabalhei lá, Jerry estava sempre no seu quatinho de escrever.”

Contam os biógrafos de Salinger, David Shields e Shane Salerno: “Ninguém podia entrar no bunker. Era o lugar seguro e um lugar sagrado para ele. Instalou ganchos nos quais pendurava cenras que havia escrito. Havia notas pregadas nas paredes. Era o lugar em que Salinger se tornava seus personagens (...) Nas histórias da família Glass, o conceito do Karma-ioga oriundo do Bhagavad Gita reza que você deveria fazer seu trabalho com tanta perfeição quanto pudesse, sem nenhum pensamento de

recompensa, e só assim poderia ser uma pessoa realmente feliz.”

Segundo Claire “ele passava semanas lá e voltava com o texto que devia estar terminando todo rasgado ou destruído e algum novo ‘ismo’ religioso para seguirmos.” Aquela rotina tornou um inferno a vida de Claire. Em seu livro de memórias, a filha do casal, Margaret Salinger, revelou que a mãe admitiu, anos depois, que estava à beira da loucura em 1957 e pensou em matar a filha e se suicidar. Mas Claire suportou a situação até 1966. O médico que a examinou na época, Dr. Gerard Gaudault, escreveu: “Queixava-se de tensão nervosa, insônia, perda de peso e que tais problemas eram causados por sua situação conjugal. O laudo médico levou Claire a pedir divórcio em 1967. Além de um breve caso com a escritora Joyce Maynard em 1972 e outro com a atriz de TV Elaine Joyce, nos anos 1980, Salinger casou-se em 1988 com Colleen O’Neill, enfermeira que



também fazia artesanato de colchas, 40 anos mais moça, união que durou até a morte do escritor.

Existe ainda o misterioso primeiro casamento de Salinger, com a alemã Sylvia Welter, que expôs Salinger ao risco de corte marcial. Ele a levou para os Estados Unidos em abril de 1946, mas o casamento só durou oito meses. Em 1972 sua filha Margaret estava com ele quando recebeu uma carta de Sylvia. Rasgou o envelope sem abrir. Era a primeira vez que ela dava notícias depois da separação, mas, segundo Margaret, “quando ele terminava com uma pessoa, terminava mesmo, para sempre.”

Um livro sobre sua relação telepática com Sylvia e o segredo de guerra que o levou a acabar o casamento é uma das cinco obras (leia box ao lado) com publicação prevista entre 2015 e 2020,

segundo instruções deixadas pelo próprio Salinger para a liberação de obras póstumas. A revelação foi feita pelo escritor David Shields e pelo cineasta Shane Salerno, na biografia conjunta de Salinger em livro e DVD.

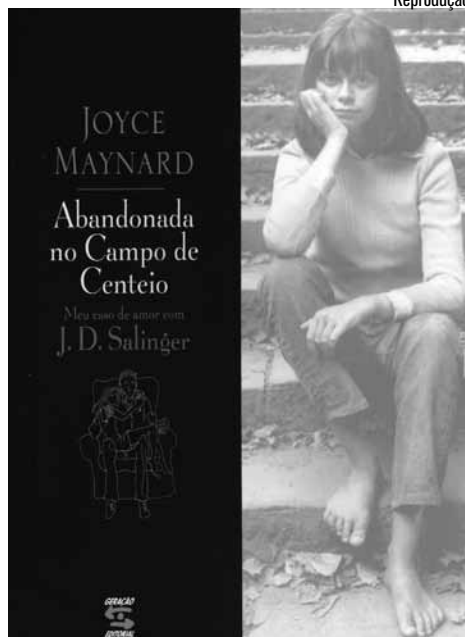
A certa altura de *O apanhador*, Holden Caulfield monologa: “O que realmente me toca é um livro que, quando você acabou de ler, lhe dá o desejo de que o autor fosse um tremendo amigo seu e que você pudesse telefonar para ele sempre que sentisse vontade.” Ironicamente, Salinger-o-autor escolheu exatamente o oposto: o silêncio e o afastamento dos seus leitores. A se confirmar a concretização de suas disposições póstumas, com a publicação de textos inéditos, poderemos todos nós que o amamos, finalmente ouvir o som de uma mão batendo palma.■

SALINGER INÉDITO

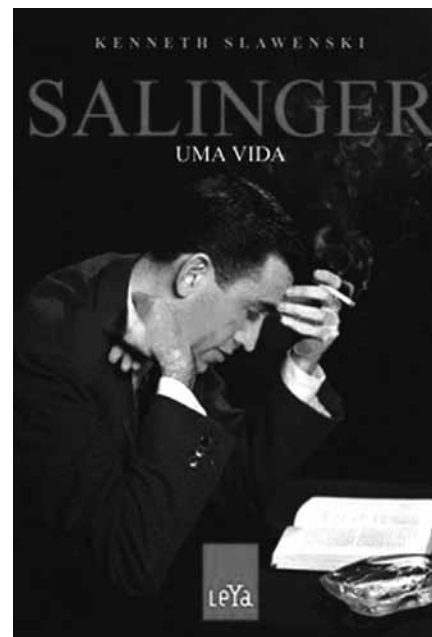
Ao longo de nove anos, Shane Salerno e David Shields entrevistaram mais de 200 pessoas ligadas a Salinger e reuniram relatos reveladores sobre as diversas facetas do notório recluso. O resultado do trabalho está na biografia *Salinger*, publicada no Brasil pela editora Intrínseca, em 2014. Com vasto material inédito, o livro especula sobre possíveis novos lançamentos com a assinatura de J.D. Salinger:

- 1 Cinco novas histórias sobre os sete irmãos da família Glass – focalizada anteriormente no conto “Um dia perfeito para peixebanana”, nos livros “Franny e Zooey” e “Pra cima com a viga moçada e Seymour: uma introdução” e na novela “Hapworth 16, 1924”. Para Salinger, os Glass são até mais importantes do que a família Caulfield.
- 2 Um manual de histórias sobre o ramo religioso hinduísta Vedanta, incluindo contos e parábolas.
- 3 O diário de um agente da contrainteligência americana no processo de desnazificação da Alemanha após o fim da guerra, cargo que Salinger exerceu, tendo sido um dos primeiros a entrar em contato físico com a mortandade nos campos de concentração e os horrores do Holocausto. Uma frase de Salinger: “Você nunca esquece o cheiro de carne queimada, ele fica em suas narinas até o resto da vida.”
- 4 *Peterpans* é o título de cinco histórias sobre a infância de Holden Caulfield, o “apanhador” no campo de centeio.

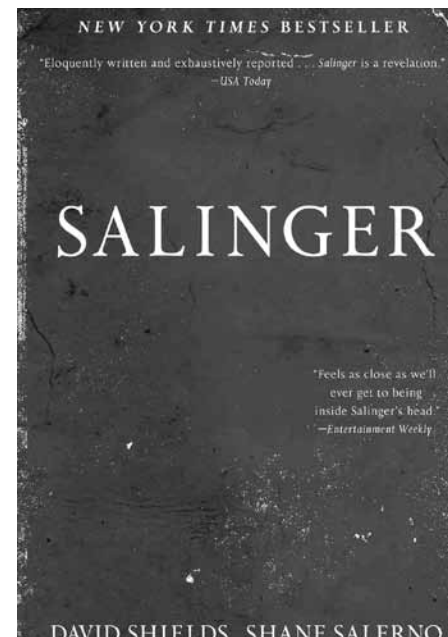
Reprodução




O polêmico livro de Joyce Mainard, ex-amante de Salinger.



Duas biografias sobre o escritor publicadas recentemente no Brasil.



 **Roberto Muggiati** nasceu em Curitiba, em 1938, e começou a carreira na redação do jornal *Gazeta do Povo*. Estudou no Centre de Formation des Journalistes, em Paris, trabalhou na BBC de Londres e na revista *Senhor*, além de atuar como editor das revistas *Manchete*, *Veja e Fatos e Fotos*. É autor dos livros *Mao e a China* (1968), *Improvizando soluções* (2008), *Rock/O grito e o mito* (1973) e *A contorcionista mongol* (2000, romance). Muggiati vive no Rio de Janeiro (RJ).





Contra a dureza da vida

O escritor e crítico **Luís Augusto Fischer** se diz encantando de modo permanente com a obra de **J.D. Salinger**, cuja leitura mais recente teve como objetivo a elaboração do breve ensaio publicado nesta edição. No texto, Fischer defende que Salinger faz de tudo para convencer os leitores de que vale a pena preservar a chama da inocência, mesmo em um mundo vil

Minha relação com a literatura de J. D. Salinger não tem muito paralelo com a que mantenho com qualquer outro escritor (salvo, em parte, Paul Auster, mas é diferente). Digo, com os escritores que leio regularmente, retornando a cada tanto para novo contato, novo usufruto, novo choque. (Auster me irrita profundamente porque parece que escreveu os livros que eu, exatamente eu e ninguém mais, deveria ter escrito, queria ter escrito, precisava ter escrito. Salinger... Salinger é outra coisa, nem sei bem qual.)

Não se trata aqui de compará-lo com meus diletos Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Luis Borges ou Franz Kafka, para ficar no meu cânone pessoal mais estrito. Não se tra-

ta de pensar em Salinger como integrante de um olimpo geral, como um artista da mesma estatura daqueles quatro gênios — não sei bem onde colocar Salinger, em escalas desse ou de qualquer tipo, pelo motivo singelo de que, ao lê-lo, quase não consigo manter a vigilância crítica que atua na leitura daqueles quatro e da generalidade dos escritores de ficção. Sou encantado por Salinger num patamar que não tem igual, nas minhas experiências de leitura, que, convém mencionar, nem sei se são muito relevantes para além do meu próprio mundo, mas de todo modo não são poucas, nem são recentes.

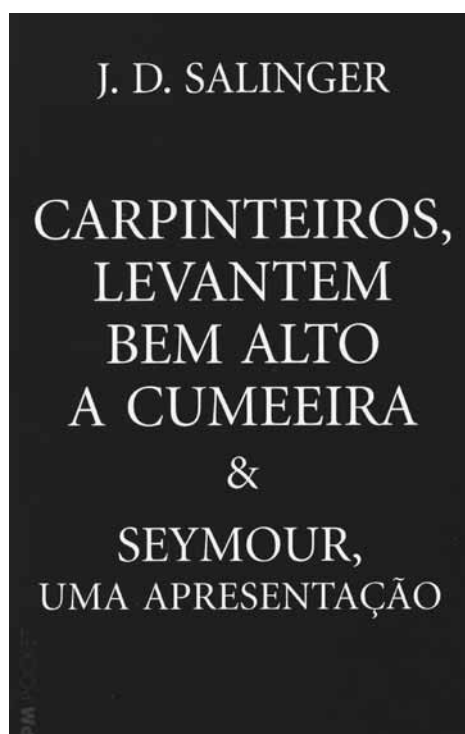
Começo então este comentário com uma capitulação: é bem possível que nada do que eu consiga articular criticamente sobre Salinger tenha



Reprodução

qualquer valor interpessoal. Desculpa aí, meu caro leitor desavisado. Acho que deveria nesta hora repetir, humildemente, Montaigne, na abertura de seus ensaios: se tu tiveres coisa melhor em que empregar teu tempo, prezado leitor — diz o mestre francês lá com suas palavras —, é o caso de ires fazer essa outra coisa, porque o que vai aqui é de interesse estritamente pessoal, que talvez interesse apenas a mim e a alguns poucos amigos.

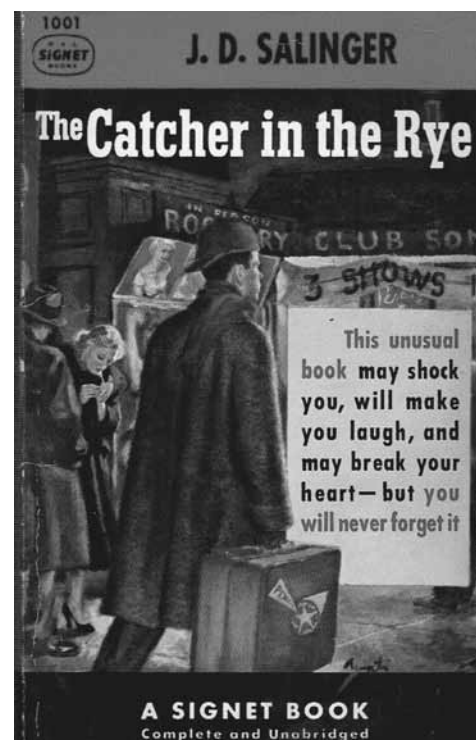
Ou deveria citar o próprio Salinger, na abertura de sua história para mim a mais impressionante e desconcertante, que resiste a uma série de releituras há uns trinta anos — me refiro a *Seymour, uma apresentação*, novela editada em 1959. (Minha dissertação de mestrado tem como epígrafe uma das frases de Buddy sobre um determinado tradutor de poesia: And who goes to poetry for safety, anyway? Quem é que procura a poesia em busca de segurança, no fim das contas?) Num dos dribles impressionantes de que somos vítimas por parte da voz e da arquitetura narrativa, Buddy Glass, o escritor que conta a história, irmão do falecido gênio cujo nome intitula a novela, faz uma reflexão tortuosa sobre a



As duas últimas novelas de Salinger publicadas em livro, ambas focadas no excêntrico Seymour Glass.



A edição brasileira do "Apanhador", com capa discreta, conforme desejo do autor.



Capa da edição de bolso do Apanhador, com uma ilustração de Holden com um chapéu de caça vermelho. Salinger odiou.

natureza da relação entre o estado de espírito do suposto autor, ele mesmo, e seu leitor, quer dizer, este que acompanha seu texto no eterno e fugidio presente, que é o de todo leitor.

Buddy reconhece que está escrevendo, ali e então, de modo labiríntico, cheio de apartes e parênteses, emboscando o leitor, pulando em suas costas de vez em quando, e admite que há leitores que gostam do método clássico, rígido, linear e veloz. Para esses, Buddy observa: “a estes eu sugiro (...) que se despeçam agora, enquanto, imagino, a despedida será calma e tranquila”. E acrescenta: “Provavelmente continuarei a indicar saídas disponíveis ao longo do

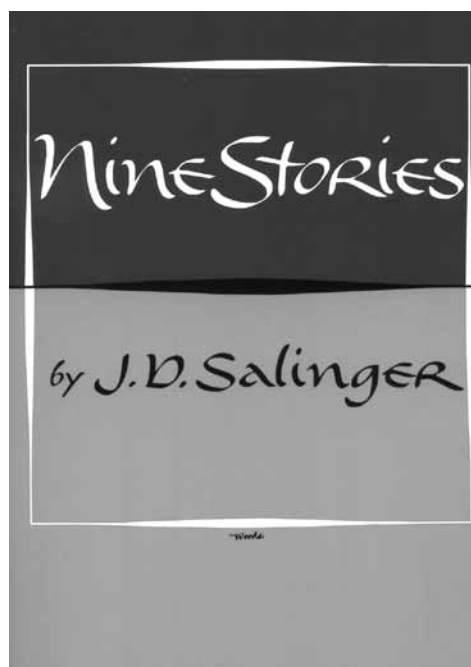
texto, mas não sei se darei minha melhor atenção a isso novamente”.

(Lembrei de outro escritor que me dá a mesma sensação de impotência crítica: Carlos Sussekind. Conhece? *Armadilha para Lamartine*, ou *Que pensam vocês que ele fez?*, ou *Ombros altos*. Cada narrativa um impressionante mistério novo.)

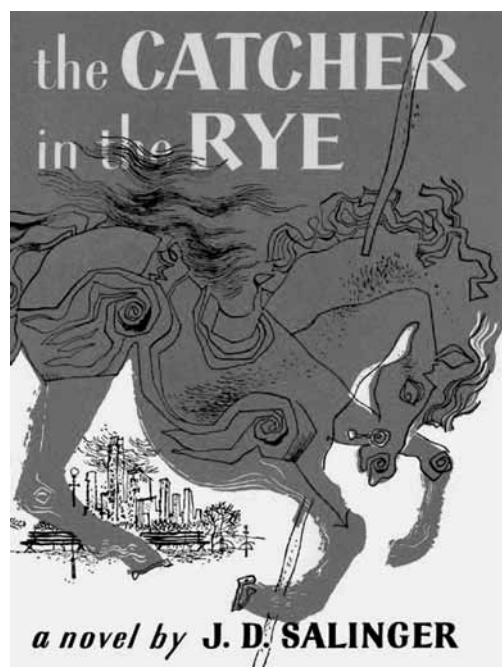
São poucos livros editados, contra os supostos muitos livros inéditos, que agora, após sua morte, mais uma vez são anunciados. O mais famoso, *O apanhador no campo de centeio* (1951), que dizem ter sido o primeiro livro a dar protagonismo a um adolescente — no mesmo contexto histórico em que

outros adolescentes, depois mundialmente famosos, ganharam voz e corpo, como James Dean e Marlon Brando —, está longe de ser meu predileto, mas é bom, muito bom: reli-o não faz muito, e ali, ao lado do óbvio — a história de um adolescente, contada por ele mesmo, em linguagem solta, dando conta de seu fracasso escolar e da tristeza geral que é a vida —, acontece toda uma reflexão enviesada sobre o lugar do artista no mundo moderno.

E ali aparece, de corpo inteiro, um dos truques que me aprisiona: Holden Caulfield, o protagonista, a certa altura conta que sonhou que estava num amplo campo de centeio e que sua tarefa era ser como a de um apanhador (do beisebol, aquele que pega a bola lançada por outro) cuja tarefa fosse a de impedir que todos os meninos que estavam ali não caíssem no abismo vizinho a esse campo. Holden então funciona como alguém que protege crianças de caírem no buraco, o que pode ser interpretado logo como uma alegoria de proteção dos inocentes contra a dureza da vida. Volto ao ponto mais adiante.



A coletânea de contos *Nine stories*, que abre com a famosa história “Um dia especial para peixes-banana”.



A icônica capa de *Catcher in the rye*, que traz ilustração de Michael Mitchell, amigo de Salinger.

Seu livro de contos *Nove histórias*, no meu exemplar, tem sublinhas, exclamações, anotações de várias camadas de leituras, de diferentes épocas da minha vida. Uma vez, mais de dez anos atrás, reli tudo com o propósito específico de tentar entender como é que funcionava aquele mecanismo encantador, encantatório. Consegui? Não, mas o processo foi ótimo.

(Desculpa mais este parêntese, mas preciso contar outra: tenho uns livros de ficção, o primeiro dos quais de contos; no primeiro conto desse primeiro livro, no primeiro parágrafo dele, eu cito Salinger, de modo cifrado, mas suficientemente forte. Era como uma tentativa de tomar a bênção com ele, lembro bem. Se não funcionou, não terá sido por falha dele.)

Franny e Zooey e a dupla de novelas *Carpinteiros, levantem bem alto a cumeeira* mais *Seymour, uma apresentação*, somados aos dois livros citados, eis aí sua obra em português. Tirando o *Apanhador*, o restante é basicamente articulado para contar história de uma mesma família, Glass, composta

por pai e mãe artistas e o grupo de seus sete filhos, pela ordem Seymour, Buddy, Boo-Boo, os gêmeos Walt e Waker, Zooey e Franny. Fico imaginando o prazer raro de Salinger, que, como outros escritores (Machado de Assis, pouco — Quincas Borba, basicamente —, e Erico Verissimo, muito — nos romances iniciais, Clarissa, Vasco, Fernanda e outros —, escritores de resto tão desiguais entre si), pôde inventar e retomar personagens, explorando ângulos novos, em tempos diferentes, e com isso compondo seu romance-rio. (Mas por que tanto parêntese, tanto apostrofo, tanta reentrância nesse texto que poderia ser clássico, rígido, linear e veloz?)

Seymour, uma apresentação talvez seja o ponto mais alto dessa trança que envolve toda a família e a reflexão sobre como pode existir arte em nosso tempo — o tempo que viu Adorno dizer que depois de Auschwitz não dava pra pensar em poesia, o mesmo tempo que Salinger viveu ao vivo, na Segunda Guerra, quando esteve no desembarque da Normandia, no famoso Dia D, trabalhou no serviço de inteligência interrogando pri-

sioneiros em alemão e em francês e, não menos, quando consta ter sido um dos primeiros dos soldados aliados a entrar num campo de extermínio, parece que Dachau. Quem passou por isso prestando atenção (e sendo judeu, como era seu caso, com pai etnicamente judeu e mãe convertida) não pode trançar só por boniteza.


(Lembrou Guimarães Rosa? Epígrafe de *A hora e a vez de Augusto Matraga*: sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão. Sapo Salinger, quero dizer.)

No fim, toda a sua obra pode, acho eu e acha muita gente, ser lida naquela chave geral antes evocada: Salinger trata sempre de produzir, na leitura, um efeito de presentificação fortíssimo — Holden está falando ali, diante de nós, e Buddy, na *apresentação* de seu irmão, conta de Seymour e de si mesmo, pontuando as horas em que está escrevendo, relatando momentos em que precisa parar, de tanta emoção que está sentindo — que nos arrasta para aquele ponto da experiência em que não perdemos ainda a esperança da revelação do sentido, da semiofania que vem num verso preciso, numa cena preciosa.

Salinger faz de tudo para nos garantir, com sua sagaz arquitetura narrativa, que vale a pena preservar essa chama da inocência, mesmo sabendo que tudo no fundo já foi para o saco, já desandou, já se perdeu na noite da tristeza. Esse misto de inexorável desespero e espera feliz, sabe como é? Bem ali.

Me ocorre que aquilo que se sabe dele, que escreveu milhares de páginas e não as publicou de propósito, que era querido por milhares mas se recusava a falar com quem quer que fosse, que processou todo mundo que escreveu sobre ele, que não aceitava que as capas de seus livros tivessem ilustração, tudo isso deve dar um prazer parecido ao de nunca sair da adolescência — nos dois casos temos uma defesa cerrada da intimidade e da possibilidade do encantamento, defesa na qual figuram, como fantasmas, os outros, isto é, o leitor.

Não sei dizer nada melhor que isso, leitor hipócrita, meu irmão. Só posso me despedir com o conselho de Buddy ao leitor daquela confusa, linda, delicada, incompleta, feliz, transcendental, esquisita *apresentação*: “Agora vá para a cama. Depressa. Depressa e devagar”. ■

 **Luis Augusto Fischer** é professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e autor de, entre outros livros, *Machado e Borges – e outros ensaios sobre Machado de Assis e Literatura Brasileira – modos de usar* (L&PM). Vive em Porto Alegre (RS).

PRAGAS DO EGITO

Tava de bobeira comendo um x-salada e um maluco cola na minha mesa: “paga um lanche aí, irmão”. Rosto todo fodido. Cabelo caindo. Zoadão. Aí puxei 3 contos do bolso e pedi um salgado e um suco pra ele. Ele disse que era missionário. Que rodou a África pregando a palavra de Deus e tal. E que traiu a mulher com uma feiticeira no Congo. E que essa feiticeira fez um trabalho intitulado “sete pragas do amante ingrato”. E que ainda estava pagando a segunda praga. A primeira fez com que ele andasse feito cachorro por seis meses. “eu latia e mijava como vira-lata em postes. Meus joelhos ficavam todo tempo em carne viva”. Aí ele apontou pra boca e disse assim: “a terceira praga é a dos gafanhotos. Vai sair gafanhotos da minha boca quando eu usar o nome de Deus em vão”. Dei minha última dentada no sanduba e disse “melhoras, bicho. Que o senhor tenha misericórdia da tua alma. Que sare tuas feridas”. Atravessei a rua. Entrei no ônibus e vi uma nuvem de gafanhotos em cima do telhado da lanchonete. ■



CENAS DO COTIDIANO

Eu: Você trouxe Dorflex?

Ela: Não.

Eu: Trouxe sorvete?

Ela: Não.

Eu: Trouxe *Playboy*?

Ela: Tá em falta. Serve *Sexy*?

Eu: Quem tá na capa?

Ela: Uma mulher fruta.

Eu: Quem?

Ela: Acho que a Melancia.

Eu: Estão todos lá no bar?

Ela: Estão.

Eu: Todo mundo mesmo?

Ela: O Vasco não vai subir pra série A.

Eu: Não?

Ela: O Palmeiras vai ser campeão.

Ela tira a calcinha. Põe na mesa junto com as compras.

Balança os cabelos como se estivesse num comercial de absorvente. Tira a blusa e liga a torneira da pia. Começa a ensaboar a louça cantando Chico.

Eu: Pode cantar outra música?

Ela: Não vou fazer isso.

Eu: PQ?

Ela: Você me contratou para ser sua empregada sexual, não para ser sua mulher.

Ela rebola pela casa. Lambe os mamilos e diz: “acho bom você parar com essa fixação por ditadura.”

Eu: Cê acha mesmo?

Ela: A vida tá bombando. Todo mundo lutando por um mundo melhor.

Eu: Onde?

Ela: No Facebook.

Levanto do chão, acendo um cigarro e sento na cadeira da escrivaninha. Ligo o computador e escrevo um textão. Fogos soltam lá fora.

Eu: Feliz Ano Novo.

Ela: Feliz Ano Novo, Diego Moraes.

Eu: Posso te falar uma coisa...

Ela: Já sei... Eu sou linda.

Eu: É. ■

ENTÃO TÁ

Então você escaneia o corpo dela esparramado na cama. Os seios rosados. A buceta lilás. O abajur que ilumina mal as páginas viradas de Borges. A boca com hálito de lagoa Rodrigo de Freitas amanhecida. “Não deu. Às vezes não dá.” E a blusa do Flamengo molhada de chuva lá fora e passarinhos que descansam no telhado antes de partirem rumo a

frutos em árvores distantes. “Já viu como estão às coisas lá de cima? Viu quando cê foi pra Curitiba? Estão desmatando tudo pra criação de gado.”

Então você se ajeita na beira da cama e pensa em outra coisa. No livro foda que terá pra lançar. Fica com medo de sofrer um infarto do nada com as veias entupidas de bistecas gordurosas fritas com margarina com sal e também nas declarações precipitadas que fez pra outra. As lágrimas que derrubou para uma decepção inesperada. Não. Precaução. Não posso enfiar os pés no lugar das mãos. Ainda é cedo. Lembro-me da música chata da Legião Urbana. E de como todas essas incertezas e desejos confusos parecem com as coisas que Re-

nato Russo cantava. É tesão, mal-estar e poesia escrita sem ninguém entender nada em interface cibernética. Um corpo branco. Bege. Um pulmão que fez natação. Braços que nunca seguraram ferro de ônibus e pés que poucas vezes sentiram a umidade da terra ou da cerâmica da casa dos pais. E eu só queria esquecer que já me fodi tantas vezes quando botei nome de mulheres na minha literatura. Que tudo fica mais prático quando acaba em sexo, pó e batidas de portas sem números anotados em agendas de celulares Nokias e Samsungs. Seria melhor mentir. Dizer que gosto de uma atriz drogada da Praça Roosevelt. Que nunca entendi a tabela periódica e acabei virando gay. Não. Ela gosta de rir de coisas sem graça. Eu só quero tirar esse engasgo. Essa ressaca de paixão nova. Esse cheiro de anal, latinhas de Budweiser e perfume francês com fumaça de mentolados. Então acorda. O braço buscando por mim no lençol bordado com florzinhas “cadê você?”, “estou aqui”. Então fico mais perto. Ela sorri de olhos fechados e diz “eu sei que você quer dizer pra mim, mas sente medo”, “o quê?”, “deita aqui do ladozinho. Eu já sei que você está apaixonado por mim”. ■

BALAS

— Você acabou comigo.
 — Tive que acabar.
 — Pq?
 — Você me sufoca. Sua presença me angustia. Parece que estou sendo torturada pelo Bope. Sabe quando o Capitão Nascimento pega um favelado e enfia a cabeça do infeliz num saco e fica dando tapas falando um monte de merda? Esse cara é você.

— Quem?
 — O Capitão Nascimento. Aquele troglodita idolatrado do filme *Tropa de elite*. Você é uma espécie de Capitão Nascimento sentimental. Você é um coronel inseguro com complexo de corno.

— Ciúme é demonstração de amor.
 — Não, ciúme é idiotice. Ciúme só é legal nos pagodes do Belo. Dá pra me deixar em paz, por favor?

— Me dá mais uma chance?
 — Chance de quê? De transformar minha vida num tedioso filme iraniano?
 — Vou ficar aqui.
 — Sai daqui! Vou chamar a polícia.

— Pode chamar. Falo que você é bipolar. Que sou seu terapeuta. Que sou seu guarda-costas. Que você não pode ficar sozinha. Que você é um perigo para sociedade.


Alessandra abre um sorriso molhado de lágrimas. Abraça Joca. Pombos debandam da cabeça do único mendigo que fala russo na praça sé. Abraçam-se e caminham em direção ao metrô. Brigariam mais seis vezes antes de chegar à periferia atravessando a ma-
 drugada com beijos de zoadas de balas. ■

BRUXARIA

Sou mestre da autoficção. Manjo dos paranauês de misturar autobiografia com ficção, mas juro que o lance que rolou foi real. Minha namorada é mística. Judia. Especialista em cabala, filoso-

fia oculta e o caralho de asas. E ontem bebi com uma figura e iria traí-la. Aí antes de ir pra casa de outra pra cheirar e foder, parei num matagal próxi-

mo de um igarapé pra dar uma mijada e um jacaré quase levou minha perna. Ali pertinho do parque do Mindu. Aí fiquei mal pra caralho e minha mina ligou: “Di, vai pra casa! Sonhei que você estava sem uma perna!” Puta que pariu! Estou com medo. Ela desvenda as coisas. Parece vidente. Se isso não for amor, é bruxaria. ■

 **Diego Moraes** é poeta, autor dos livros *A fotografia do meu antigo amor dançando tango* (2012), *A solidão é um deus bêbado dando ré num trator* (2013) e *Eu já fui aquele cara que comprava vinte fichas e falava 'eu te amo' no orelhão* (2015). Este ano lança seu primeiro romance, pela editora Record. Moraes vive em Manaus (AM).

CLIQUES EM CURITIBA | MARIANA ALVES

CLIQUES EM CURITIBA





A fotógrafa **Mariana Alves** se dedica ao estudo e à construção de uma linguagem documental da intimidade familiar, valorizando o que é importante como registro de memória. Também mantém o projeto *Não repare a bagunça*, que consiste em apresentar a casa das pessoas e mostrar diferentes estilos de vida. As imagens publicadas pelo **Cândido** fazem parte de uma série produzida durante a procissão em homenagem à padroeira de Curitiba. Veja mais fotos em www.maririalves.com

Tradução: Luci Collin

A história do mágico

A mágica que conheci no Castelo de Leap
me contou que havia crescido
numa Loja do Mágico em Londres.
Seu pai, de dezessete anos, do Condado de Mayo,
os pulmões comidos pela tuberculose,
havia sido cuidado por sua mãe,
uma jovem londrina
que, numa segunda-feira de manhã,
lhe trouxe um presente,
um livro de truques de mágica.

Todos os longos meses no sanatório ele praticou,
aprimorando, por fim, truques que só ele sabia fazer.
Podia produzir, dos buracos curados do seu peito,
dezessete bolas de bilhar,
e sabe-se lá quantos lenços,
quantas pombas brancas e esvoaçantes.

Mãos

Foi em algum lugar ao longo da costa nordeste do Brasil,
sobre Fortaleza, uma cidade da qual eu nada sabia,
exceto que é cheia de pessoas —
a vida de cada uma delas um mistério
maior do que o Amazonas —
foi lá, quando o aviãozinho no monitor de voo
alcançou a linha do Equador
e desviou pro leste em direção a Marrakech,
que comecei novamente a pensar em mãos,
em como é estranho que nossas vidas —
a vida da garota francesa ruiva à minha esquerda,
a vida do garoto argentino à minha direita,
minha vida e as vidas dos passageiros cochilando,
sendo carregados rápido no escuro
sobre o Atlântico escurecido —
todas essas vidas agora sendo mantidas
nas mãos do piloto,
na consciência do piloto,
e eu penso em outras mãos que podem manter nossas vidas,
as mãos do cirurgião
que devo encontrar de novo quando eu voltar para casa,
as mãos da enfermeira inteligente, de cabelos pretos
que desenrolou o cordão umbilical do meu pescoço,
as mãos macias da minha mãe,
as mãos daqueles outros
que me amaram,
até que parece quase
como se isso fosse o que a vida humana é:
ser passado de mão em mão,
ser sustentado, incrivelmente, sobre um oceano.

Salão Clássico


Todos os dias são deixadas
no Salão Clássico,
às vezes de táxi,
às vezes pelas filhas,
muitas vezes por filhos de meia-idade
em casacos sóbrios,
que param o carro rente ao meio-fio,
dão a volta andando até a porta,
e oferecem o braço.


Como é importante esse
quase último vestígio
da nossa pele de animal.
Como o valorizamos —
as trancinhas egípcias,
as faixas nos cachos gregos,
os penteados elaborados da África,
os topetes pompadour, altos e fixos,
os dos anos sessenta, longas cascatas sobre uma guitarra,

e o delicado halo
da minha vizinha quase-cega
de noventa e dois anos de idade,
com permanente e arrumado
no estilo
em que ela saía para passear
com seu jovem namorado
após a última Guerra Mundial.

Santuários

Você os encontrará facilmente,
há tantos —
perto de rotatórias, de represas,
pelo cais —
aleatórios, passionais, carcomidos,
como algo que um pássaro pode construir,
uma pega insana
que trouxesse flores azuis de seda,
rosas rubras reais,
um girassol de ferro,
uma guirlanda de Natal,
um sino dos ventos,
fotografias em celofane,
anjos, anjos, anjos
e corações, corações, corações
e sabemos
que este é o mesmo lugar
que a polícia lacrou com fita,
que uma igreja ficou entupida
de jovens em trajes negros
e que sob as flores e sinos
há uma enorme pedra de impacto
sem ninguém capaz de afastá-la
e deixar que a tristeza flua e flua e flua,
como densas tranças d'água
caindo sobre um grandioso açude.

 **Moya Cannon** nasceu no condado de Donegal, na Irlanda, em 1956. Já publicou cinco coletâneas de poesia. A qualidade de sua obra tem sido amplamente reconhecida não apenas na Irlanda, mas também internacionalmente. Seu primeiro livro, *Dear* (1990), venceu o prestigioso Prêmio Brendan Behan Memorial. Em 2001, recebeu outra premiação de destaque, o Laurence O'Shaughnessy Award. Já em 2004 foi eleita para a *Aosdána*, importante afiliação de artistas da Irlanda. Seus poemas exploram uma variedade de temas como a relação entre música e literatura, o mundo natural, a interrelação entre os seres sencientes e não-sencientes e, principalmente, os flagrantemente poéticos do cotidiano.

 **Luci Collin** nasceu e vive em Curitiba. Autora, entre outros, dos livros de contos *Inescritos* (2004) e *Vozes num divertimento* (2008), do romance *Nossa senhora d'aqui* (2015) e dos livros de poemas *Querer falar* (2014), obra finalista do Prêmio Oceanos 2015, e de *A palavra algo* (2016). Professora de Literaturas de Língua Inglesa na UFPR, realiza estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo (USP) sobre a poeta Moya Cannon.

Último pedido

Quando eu morrer,
empinem pipas ao invés de acender velas,
libertem pássaros ao invés de rezar terços.

E deixem as flores tranquilas nos caules,
pois nem a mais vulgar delas
merece a condenação de uma coroa.

Não peçam silêncio às crianças,
nem reclamem do tempo, se chove.

O tempo chove sempre, crianças falam
muito, e não há porque calá-las
apenas porque alguém já não
faz parte do mundo.

Poupem-me lágrimas e lamúrias.

No máximo Chet Baker,
ou a lembrança de um momento raro
em que fui capaz de ser maior que
as minhas vaidades ou menor que
as minhas virtudes.

Deixem o rio correr como cabe a um rio,
sem pulos ou sobressaltos.
Não há alegria maior do que a vida,
sem rédeas, e o tempo, sem fluxo.

Não liguem, enfim, se o instante
desmoronar suas pétalas.

Outras virão para substituí-las,
e nenhuma tristeza impedirá isso.

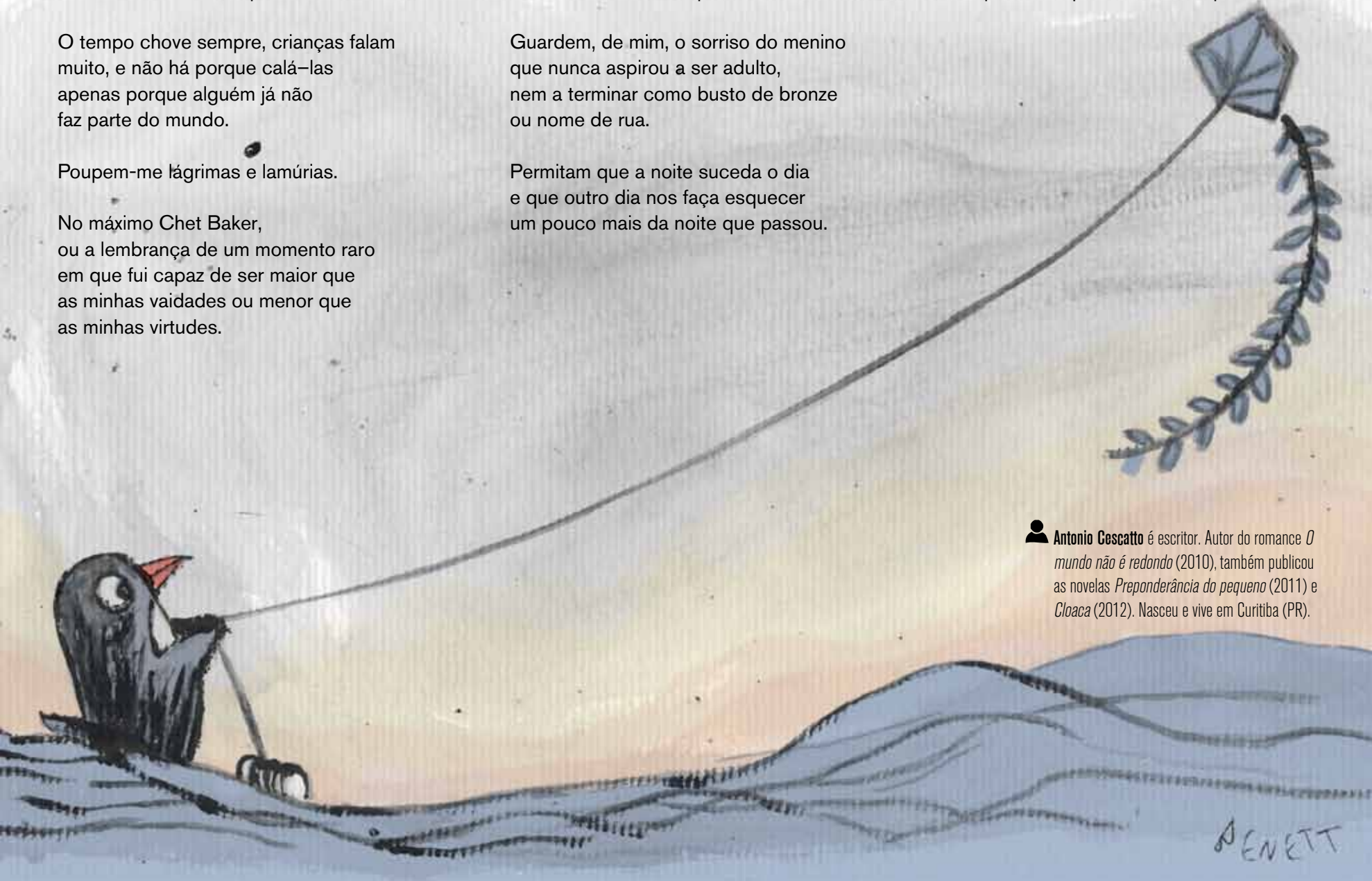
Guardem, de mim, o sorriso do menino
que nunca aspirou a ser adulto,
nem a terminar como busto de bronze
ou nome de rua.


Permitam que a noite suceda o dia
e que outro dia nos faça esquecer
um pouco mais da noite que passou.

Um poema tolo,
lido por um leitor distraído,
capaz de interromper o ritmo sério
de mais um dia de trabalho,
é só o que espero como homenagem.

Intervalos assim formam a vida.

Fazê-los existir, para alguém,
será a prova de que tudo valeu a pena.



 **Antonio Cescatto** é escritor. Autor do romance *O mundo não é redondo* (2010), também publicou as novelas *Preponderância do pequeno* (2011) e *Gloaca* (2012). Nasceu e vive em Curitiba (PR).

BENETT